

WALTER LEWY

O SONHADOR

E A SUBLIME CRIAÇÃO DO MUNDO

JACOB KLINTOWITZ







Walter Levy

O sonhador e a sublime criação do mundo

Jacob Klintowitz

De 19 de outubro de 2024 a 22 de fevereiro de 2025
De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h
Sábado, das 10h às 14h

Rua Dr. Melo Alves, 400 - Cerqueira César - São Paulo

+ 55 11 3064-7575 | www.galeriafrente.com.br



O Surrealismo de Walter Lewy e a história da Galeria Frente

JAMES ACACIO LISBOA

Diretor

Neste ano, celebramos mundialmente o centenário do surrealismo nas artes visuais. O movimento artístico e literário surgido na Europa teve grande impacto cultural, pois valorizava a intuição e a criação, e acreditava que o subconsciente era fonte inesgotável de criatividade e liberdade. O poeta francês Guillaume Apollinaire (1880-1918) criou a expressão “surrealismo” em 1917, mas o manifesto surrealista foi lançado oficialmente em Paris, em 1924, pelos franceses André Breton (1896-1966), Yvan Goll (1891-1950) e Marcel Alland (1899-1986).

O movimento surrealista chegou ao Brasil por volta de 1930, durante o movimento modernista, e podemos reconhecer sua influência nas obras de Tarsila do Amaral (1886-1973), Cícero Dias (1907-2003) e Ismael Nery (1900-1934). Mas foi somente em Walter Lewy (1905-1995) que ele encontrou plena realização. A trajetória do artista alemão nascido em Bad Oldesloe foi marcada pelos horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De origem judaica e com formação erudita na Escola de Artes e Ofícios de Dortmund, entre 1923 e 1927, ele se viu obrigado a fugir dos delírios nazistas em sua terra natal.

Para escapar dessa situação opressora, o artista imigrou para o Brasil em 1938, aos 33 anos, onde retomou profissionalmente a pintura. Deixou para trás centenas de trabalhos, perdidos durante os bombardeios do temível confronto. No Brasil, fixou-se na cidade de São Paulo. Nos primeiros anos, fez desenho publicitário e mais tarde capas de livros e desenhos para diversas editoras. Ilustrou obras do filósofo galês Bertrand Russell (1872-1970), do escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908) e do historiador britânico Arnold J. Toynbee (1889-1975), entre outras.

Lewy marcou presença ativamente do cenário cultural da época, tendo participado das primeiras Bienais de São Paulo: 1º Bienal em 1951; 2º Bienal em 1953; 3º Bienal em 1955; 6º Bienal em 1961; 8º Bienal: Sala Especial Surrealismo e Arte Fantástica em 1965; 13º Bienal em 1975; e na mostra Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras, em 1985. Também integrou várias edições do Salão Paulista de Arte Moderna, além de inúmeros Panorama de Arte Atual Brasileira, realizado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Seu currículo extenso de exposições conferiu ao artista imigrante amplo reconhecimento de seu trabalho e prestígio entre importantes atores e agentes culturais do sistema das artes visuais no Brasil, que ainda estava em seu estágio inicial.

Infelizmente, a obra e o legado estético de Walter Lewy ficaram restritos a poucos: o tempo foi tornando sutil uma história importante e única. Ele não se aproximou do surrealismo como uma ideia vinda de fora: ele já vivia o movimento na terra natal. E firmou-se nos trópicos como grande artista visual, expondo uma estética singular e mágica, repleta de repertório semântico.

Desde a sua inauguração, o objetivo da Galeria Frente é ressaltar o trabalho de grandes artistas brasileiros e mostrar obras históricas por meio de exposições retrospectivas, individuais e coletivas. Conhecida pelo seu programa expositivo, já exibiu as trajetórias dos artistas Mira Schendel (2015); Antonio Maluf e Hércules Barsotti (2016); Frans Krajcberg (2017); Iberê Camargo e Francisco Stockinger (2018); Gilberto Salvador (2021); Igor Rodrigues (2022); Candido Portinari (2023); e A Realidade Máxima das Coisas (2024).

Estamos trazendo para o contemporâneo a obra de Walter Lewy porque acreditamos que existem novos olhares e formas de ler o seu trabalho pelo prisma mais amplo. Sabemos também que esse artista merece o reconhecimento que já teve e está na hora de voltar a ter. Além de ceder o nosso espaço, não posso deixar de citar e agradecer a colaboração primorosa de toda a equipe e a atuação valorosa, cuidadosa, precisa e dedicada do crítico e curador Jacob Klintowitz, que embarcou conosco em mais esse projeto.

Outra iniciativa inédita é a materialização da exposição no livro que a acompanha. Há muitos anos não temos mais nenhuma nova percepção sobre a obra de Walter Lewy. Klintowitz expõe - com toda a sensibilidade que lhe é inerente - um olhar sublime de entrada nesse universo de sonho e criação.

Outro ponto único e inédito é a parceria com os colecionadores Claude Martin Vaskou e Eliana Minillo, detentores da coleção que ora estamos apresentando. Movidos pelo desejo imenso de deixar viva e acesa a chama do legado estético do artista, e dotados de paixão, cuidado e carinho, foram fundamentais em todo o desdobramento do projeto, da concepção até a plena realização. A eles, nosso muito obrigado.

Conheço Claude há mais de 20 anos: é amigo pessoal e me ajudou no início da minha carreira. Então, para mim, é uma satisfação pessoal e profissional colaborar com essa proposta artística. E também a possibilidade de retribuir com gratidão a essa amizade.

Sinto-me feliz em dar acesso, apresentar para uma nova geração e tornar visível para os colecionadores atentos que conhecem uma boa obra de arte a exposição **Walter Lewy: O sonhador e a sublime criação do mundo**, certo de que teremos mais esse grande sucesso em nossa trajetória.

Boa exposição e leitura!



"O Surrealismo, mais do que uma escola ou um estilo, é um modo de viver, uma filosofia de vida, uma maneira de encarar e manifestar coisas. Sempre se renova, já que a imaginação não tem limites, e não se acabará como um movimento qualquer de arte."

- Walter Lewy

Sumário

10. Aventura Surrealista

Claude Martin Vaskou e Eliana Minillo

14. Walter Lewy: O sonhador e a sublime criação do mundo

Jacob Klintowitz

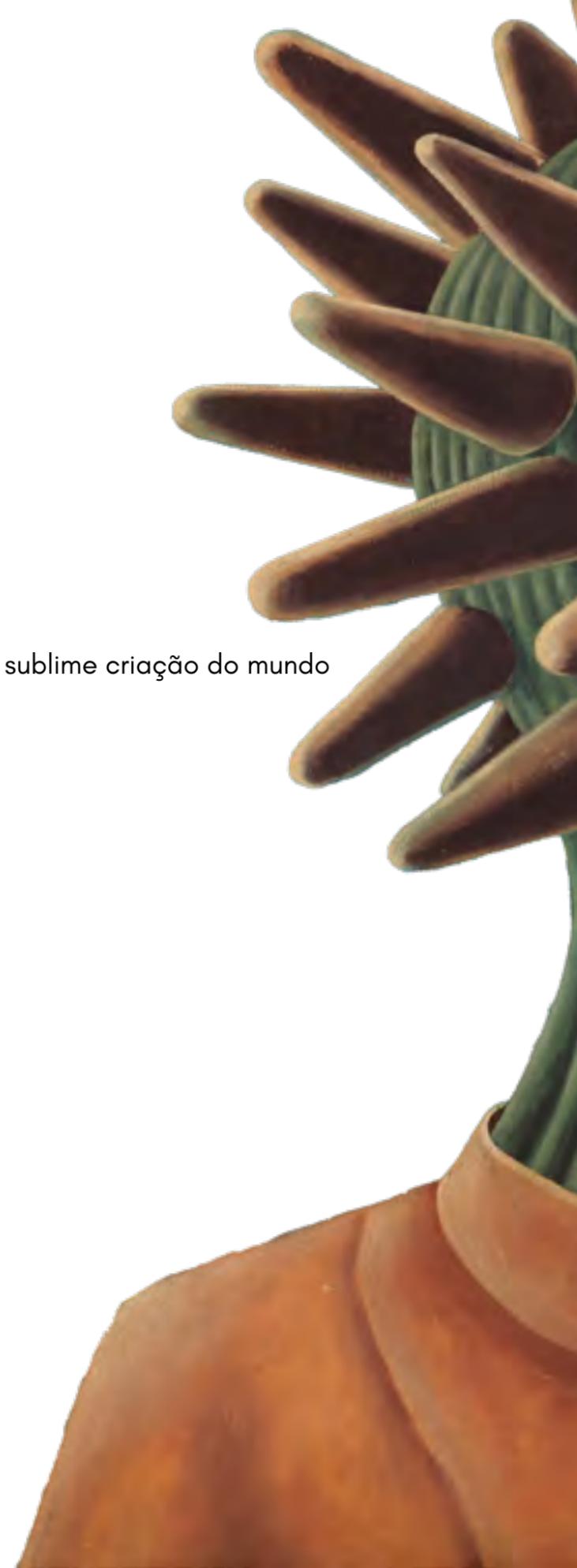
26. Obras

130. Relação de obras expostas

136. Cronologia

Claude Martin Vaskou e Eliana Minillo

150. Créditos



Aventura Surrealista

Claude Martin Vaskou e Eliana Minillo (colecionadores)

Tudo começou num domingo de outubro de 2003 na feirinha do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, na capital paulista. No estande do amigo antiquário George Sampaio, um quadro surrealista chamou a atenção. "Você, Claude, que é colecionador, precisa ter um Walter Lewy", ele disse. Hoje são 80 obras, cobrindo o período entre 1942 e 1995.

Mas por que essa coleção?

O alemão Walter Lewy (1905-1995), nascido em Bad Oldesloe, cidade localizada no distrito de Stormarn, estado de Schleswig-Holstein, foi um artista reconhecido, amigo dos paulistas Clóvis Graciano (1907-1988) e Francisco Rebolo (1902-1980), ambos artistas do Grupo Santa Helena.

Participou ativamente na criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM e marcou presença em diversas edições da Bienal de São Paulo, da primeira, ocorrida em 1951, a 1987. Recebeu muitos prêmios de pintura durante toda a sua carreira, inclusive o de Melhor Pintor do Ano, concedido pela Associação Brasileira dos Críticos de Arte - ABCA por ocasião de sua exposição retrospectiva no MAM-SP: Walter Lewy, 35 anos de pintura, em 1974. Dois anos depois, ele foi homenageado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Numerosas coleções particulares e museus, como o Palácio do Governo do Estado de São Paulo, a Pinacoteca, o MASP, o MAM e o MAC, apenas para citar alguns, contêm suas obras.

Por quê? As pinturas de Lewy - que sempre foi fiel ao movimento surrealista com seu estilo forte e despojado - traziam o silêncio que as aproximam do pintor italiano Giorgio de Chirico (1888-1978), da poesia do belga René Magritte (1898-1967), do francês Yves Tanguy (1900-1955) e até mesmo do alemão Max Ernst (1891-1976).

Como então, depois de sua morte em 1995, suas obras chegaram ao ponto de serem desvalorizadas no mercado de arte quando, nos anos 1970, eram disputadas e negociadas a um preço altíssimo?

Em 2005, quando eu e Eliana nos conhecemos, depois de ter comprado aproximadamente 20 obras e coletado poucas informações, constatamos que não existia nenhuma publicação séria sobre o artista. Descobrimos que a superprodução de seus últimos anos de vida foi agravada por seus problemas financeiros e pelo mercado de arte da época, que considerava o surrealismo um movimento ultrapassado. Tudo isso derrubou seu valor no mercado e conseqüentemente a sua reputação.

Walter Lewy estava no caminho do esquecimento.

Foi quando decidimos, durante uma viagem para Ouro Preto (MG), que deveríamos fazer

algo para preservar a memória desse grande artista, o mestre do surrealismo no Brasil. Nosso primeiro objetivo era publicar um livro. Assim, em abril de 2006, compramos os direitos de autoria de sua família pelo período de 10 anos. O projeto foi apresentado ao Programa Nacional de Apoio à Cultura - Pronac em 2007 e aprovado, mas abandonado por falta de patrocinador!

Em 2009, eu, Claude, viajei para Alemanha acompanhado de meus dois irmãos, fluentes em alemão, em busca de informações sobre a vida do artista em seu país de origem.

Nossa empreitada não foi exatamente bem-sucedida. Os dois museus de Dortmund não tinham qualquer registro sobre Walter Lewy. Sua antiga escola de artes não tem mais os arquivos do período anterior a 2º Grande Guerra, mas a sua proximidade com o Jardim Botânico pode explicar a paixão do artista pelas plantas, em especial pelas suculentas.

Encontramos no registro civil da cidade a indicação dos locais onde ele morou, porém os bombardeios modificaram o traçado do município. Em Bad Lippspringe, a 120 km de Dortmund, seu último endereço alemão antes de partir para Rotterdam e depois para o Brasil, finalmente encontramos a antiga casa da família Lewy. Foi um momento de grande emoção.

Depois dessa viagem, com a energia renovada, decidimos em 2010 produzir um filme sobre o artista, pensando que poderia ser veiculado em algum canal de TV. Com o nome Walter Lewy, Pintor do Silêncio, jamais foi exibido em qualquer emissora. Mais uma experiência que não cumpriu seu fim.

Dois anos depois, em 2012, lançamos o projeto da grande exposição do artista, Walter Lewy, Mestre do Surrealismo no Brasil. A mostra aconteceu na Fundação José e Paulina Nemirovsky, sediada na Estação Pinacoteca, na região central da capital paulista, de 15 de junho a 18 de agosto de 2013. Na ocasião, fizemos o pequeno filme, Memória Surrealista, disponível no YouTube, apresentando alguns dos estudos dos cadernos de desenhos do artista.

Em 2016, um estudante brasileiro da Universidade de Baton Rouge, na cidade americana de Louisiana, defendeu uma tese sobre Walter Lewy. Seu orientador, um professor alemão, havia comprado dois quadros do artista nos EUA! Nós disponibilizamos todos os nossos arquivos para essa pesquisa.

Hoje, neste ano em que se festeja o Centenário do Surrealismo, só em Paris mais de 50 eventos estão acontecendo para essa comemoração. Aqui, em São Paulo, a Galeria Frente e o Escritório de Arte nos acolheram de braços abertos para celebrarmos juntos o nosso maior e mais emblemático surrealista.

Nós temos muito a agradecer, não só aos galeristas, mas ao historiador e crítico de arte, nosso amigo e parceiro também nessa aventura, Jacob Klintowitz.

Esse evento conclui, de certa maneira, nossa contribuição para a salvaguarda desse grande artista alemão adotado pelo Brasil, e que deu ao nosso país sua letre de noblesse surrealista.





Walter Lewy

O sonhador e a sublime criação do mundo

Jacob Klintowitz

O desenho nos aproxima da mais sublime criação. Desenhar é inventar um novo ser.

Haverá na história humana sonho maior do que o de criar um ser absolutamente novo?

Desenhar é aumentar o nosso conceito do real. E, principalmente, é estabelecer os limites do ser humano. Na verdade, é conceber o ilimitado, pois qual seria o limite do ser humano?

Vejo o artista Walter Lewy nessas décadas de convívio pessoal, de observação do seu trabalho, de afinidade, de empatia, e penso que ele percorreu esse trajeto individual, testou o seu limite como ser e estabeleceu nova fisionomia de si mesmo. Tantos obstáculos, tanta dor, impedimentos, assassinato de seus pais pelo nazismo, destruição total das obras de parte importante de sua carreira, a retomada num país desconhecido e, em tudo, a sua percepção de que essa vereda era o seu caminho.

Vocação é destino. É o fio condutor. Lewy nos demonstrou isso.

Em 1978, de maneira despreziosa, despreocupada, publiquei um livro chamado Versus. Às vezes, quando estamos distraídos, fazemos coisas interessantes. O texto falava sobre a obra de 67 artistas. As biografias foram elaboradas por José Roberto Teixeira Leite (1930), crítico de arte de erudição exemplar. O prefácio foi escrito por Pietro Maria Bardi (1900-1999), criador do Museu de Arte de São Paulo e o homem que montou o acervo de arte mais importante da América do Sul. Todos os artistas foram retratados pela desenhista Conceição Cahú (1944-2006). As páginas 136 e 137 foram dedicadas ao trabalho de Walter Lewy. E, 46 anos depois, ao reler as observações escritas em 28 linhas, percebo que acertei em quase tudo, mas não previ – não ouvi a intuição – sua importância crescente nem fui capaz de dimensionar a grandeza de sua saga pessoal e de como o seu percurso nos serve de parâmetro ético e de exemplo na construção, ou na reconstrução, de um ser humano.



Em minha opinião, mais do que um exercício de liberdade, o surrealismo é a arte de descoberta do ser.

Walter Lewy foi um surrealista perfeito. Na sua obra, podemos encontrar a imaginação solta, a invenção de seres, de espaços mágicos, de uma nova realidade social, relações misteriosas entre objetos e humanos, relações misteriosas entre pessoas e um universo imaginário. E o domínio absoluto do sonho acordado, do onírico com os olhos abertos. E todas essas características foram capazes de tornar o seu trabalho exemplar de um movimento cultural que marcou a nossa arte desde o século 20. Podemos ver de que maneira esse trabalho tão intenso se revelou a partir de duas vertentes fundamentais.

A primeira, historicamente, e em Walter Lewy também, é a liberdade expressiva.

A segunda vertente, certamente ligada à liberdade expressiva, é a possibilidade de tornar-se um ser humano mais completo.

Observar a obra de Walter Lewy, ao longo de décadas, é perceber a descrição delicada do processo criativo e da necessidade de conviver com o inconsciente. Inconsciente é menos impreciso do que a alma.

Certamente o silêncio, companheiro do artista, é o terreno onde é possível acessar o inconsciente, a alma, e conviver com esse nada que é tudo: o silêncio.

É o itinerário fascinante do aprofundamento da linguagem da arte. E é igualmente a gestação de um novo ser. Lembra a trajetória de Sidarta-Buda. A linda aventura, a lírica aventura que nos ensina o percurso de um homem até o seu estar ilimitado, um homem que se transforma em Buda.

Walter Lewy, o mestre surrealista e a construção do ser.

O viajante da alma.

Mestre do sonho.

Habitante do silêncio.

No surrealismo, a liberação do inconsciente é o fio condutor. O sonho é a sua linguagem principal. A intuição é o seu método. Romper com o racionalismo é uma de suas bandeiras.

A escrita automática, feita sem o controle racional, escrita que se autoconduz, escrita que é possível realizar com os olhos vendados, é uma proposta que nos exemplifica o procedimento da criação de linguagem surreal.

As imagens geradas espontaneamente, fruto do sonho acordado, intuídas em uma névoa, estabelecem a concepção de mundo



que guia o pintor. A organização dessas imagens é a iconografia da história do artista.

A ideia desse inconsciente libertador é oriunda dos estudos de Sigmund Freud (1852-1939). Entretanto, não é uma visão científica do trabalho de Freud. E isso está certo. O artista deve olhar para a obra do pensador Freud como um artista que observa as coisas. No caso surrealista, do Freud restou a ideia de inconsciente e a importância do sonho como conjunto de símbolos a ser desvendado ou estruturado como linguagem.

O grande escritor Thomas Mann (1875-1955), na área ensaística, escreveu ensaios sobre Freud. Num deles, Freud e o futuro, esclarece essa possibilidade de leitura. Explica as deficiências de Freud na área literária e acha isso certo. Freud é um cientista e não deve se basear em intuições, percepções poéticas, produções e criações ingênuas. Deve se ater a deduções e demonstrações do possível. E os artistas devem ver em Freud um gênio libertador das forças criativas.

Essa liberdade de entendimento também foi reforçada pelo movimento surrealista.

Alguns poucos, como Walter Benjamin (1892-1940), conseguem unir o rigor científico com a leveza poética da linguagem artística. É por isso que um de seus ensaios, A obra de arte na época de sua reprodutibilidade tecnológica, se tornou emblemática para a cultura teórica científica e prática artística do século 20.

E Benjamin tem alguns elos semelhantes com Lewy. Ambos são alemães, ambos representam a cultura universal germânica, ambos foram perseguidos pelo nazismo. A diferença factual é que Walter Lewy viajou, e Walter Benjamin, que estava em Paris, se recusou a viajar. Não seguiu o conselho de amigos. Finalmente resolveu cruzar a fronteira e, diante das dificuldades, suicidou-se.

Já Freud partilha o mesmo princípio de Mann. Escreveu um notável ensaio científico sobre Leonardo da Vinci (1452-1519). Começa reconhecendo a genialidade de Leonardo, mas diz que não tratará disso. E faz longo estudo sobre a personalidade de Leonardo, da sua dissociação, da sua área de defesa. Freud se baseia no desenho preparatório de uma madona, na dualidade de um desenho preparatório e numa lista de afazeres escrita no dia da morte de sua mãe, na capacidade de Leonardo de se proteger da dor e seguir em frente. A ciência estuda a arte.



Walter Lewy era um artista profundamente voltado para as coisas intelectuais e os temas estéticos. A sua formação era severa e ampla. Ainda que ele tenha sido um ilustrador de alto nível, que tenha desenhado muito e atuado na área gráfica e editorial, sempre esteve presente a sua afinidade com a sutileza metafísica e o pensamento sobre a ambiguidade do mundo físico.

Não por acaso, no seu período inicial alemão, ele era um artista do fantástico. A ambiguidade da matéria, as revelações que a ciência do século 20 trouxeram para a compreensão do micro e do macro, e as sucessivas descobertas da vida da matéria fascinavam o artista. Mesmo nos seus momentos mais descontraídos, Walter Lewy lia a literatura chamada de ficção científica. Nome não apropriado, é claro. Os dois parâmetros principais dessa literatura de antecipação (também um título insuficiente) eram Júlio Verne (1828-1905), e o seu superdimensionamento do mundo já existente, e H.G Wells (1866-1946), com as implicações psicológicas, míticas e sociais de uma nova realidade.

Na obra de Walter Lewy, estão presentes o rigor de uma nova realidade, o desenho justo e severo, e principalmente o surgimento de uma nova realidade humana, com os seus seres paradigmáticos, os espaços imaginários, a marca de objetos e construções desconhecidas. Walter Lewy, o surrealista, era um inventor de mitos.

Walter Lewy era um artista e um homem de formação austera, culto, próximo da história da arte e conhecedor de mitologia. A sua obra se apresenta como uma invenção clássica. Tudo é severamente delineado, o espaço é perfeitamente definido, a combinação de tonalidades obedece às lições que o estudo do círculo cromático nos deu no século 20. Na sua obra, estão ocultos os mestres estudiosos das cores - Leonardo, Newton (1643-1727) e Goethe (1749-1832) - e todos os seus seguidores. Basta olhar para o seu uso de cores primárias, secundárias e terciárias para percebermos a sua qualidade técnica. O seu ofício é o dos mestres. É preciso observar que esse conhecimento científico não obstruiu a veia lírica: antes a alicerçou em seu propósito.

Aliás, não foi Goethe que disse que o círculo cromático era a mais bela das obras de arte?

Walter Lewy, esse homem silencioso e enérgico, esse sonhador, foi muito bem aceito no Brasil. Em São Paulo, esteve próximo de artistas como Francisco Rebolo (1902-1980), Clóvis Graciano (1907-1988) e Arcangelo Ianelli (1922-2009). Na Bahia, foi conduzido por Jorge Amado (1912-2001) e Zélia Gattai (1916-2008), e conheceu o encanto do mundo tropical, com suas cores, sabores e panteísmo. O



outro lado dessa relação foi a aceitação do Brasil e a sua tradição de imediatismo e rapidez por Lewy. Ele bebeu na fonte tropical.

O seu amor e casamento com Dirce Pires da Silva Lewy (1936-), uma mulher negra, ex-modelo do pintor Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976), foi a consagração do seu encontro com o novo mundo. E foi a absorção da vitalidade brasileira, a sua aceitação da energia desordenada de um país em construção.

Na sua obra, encontramos em posição destacada a figura de uma mulher azul. Essa figura feminina é dotada de extraordinária energia, contida, mas manifesta no seu corpo. A mulher azul é, por sua vez, um corpo de luz. É uma figura feminina que recebe uma ligação com a luz sideral, com o universo. Lembra uma figura helênica, uma habitante do Olimpo. Mais de uma vez escutei que o modelo, a inspiração dessa figura, às vezes, solar, outras vezes, lunar, era a sua esposa Dirce. Na pesquisa final para este ensaio, num vídeo, escutei a própria Dirce afirmar que essas mulheres eram ela.

Por que Walter Lewy encontrou no surrealismo a sua linguagem expressiva definitiva?

Ele sempre foi um artista sutil, um homem que gostava do incógnito. No seu início, esteve com a arte fantástica e, fora um período mais realista, provavelmente uma tentativa de registrar emoções sombrias, Lewy esteve próximo do universo visível e invisível. O seu amor às formas naturais vem do seu período inicial. Era estudioso das formas naturais, das plantas e do seu desenho áspero e vibrante. No Brasil, tornou-se cultor de cactos, dos quais tinha grande variedade. Os cactos, por sua rusticidade, por sua força intrínseca, por seu caráter guerreiro, por sua imposição na paisagem, têm fascinado muitos artistas. Walter Lewy foi um deles.

Optar pelo surrealismo é decidir-se por uma versão complexa do ser humano. Em tese, um homem mais total, feito de conhecimento e desconhecimento sábio, pois a parte obscura é manancial de mistérios e de saber. Mas é, além dessa decisão em parte racional, uma escolha por afinidade.

Além dessa evidente afinidade com a linguagem e com o ideário surreal, o surrealismo responde à brutalidade do totalitarismo, ao apequenamento do homem, ao racismo, à crueldade de retirar do homem sua identidade e sua individualidade. O surrealismo é um humanismo. É a exaltação do ser humano, à elevação de sua capacidade de entender os mistérios do mundo. E não por aceitação de uma religião nem com o seu papel de

agregamento. No surrealismo, o homem reconhece e descobre aspectos ocultos do universo e do ser humano, também ele universal. No plano inteiramente humano, o surrealismo é um re-ligare com o universo. O surrealismo não é conformista: é um campo de investigação.

Do ponto de vista da aceitação pública, o surrealismo não é popular no Brasil. Tivemos e temos alguns artistas importantes no Brasil: Ismael Nery (1900-1934), Maria Martins (1894-1973), Tarsila do Amaral (1886-1973), Walter Lewy (1905-1995), Cícero Dias (1907-2003), Francisco Brennand (1927-2019), Niobe Xandó (1915-2010), Roberto Magalhães (1940), Octávio Araújo (1926-2015), Miguel dos Santos (1944) e Megumi Yuasa (1938). Alguns desses não tão definidos.

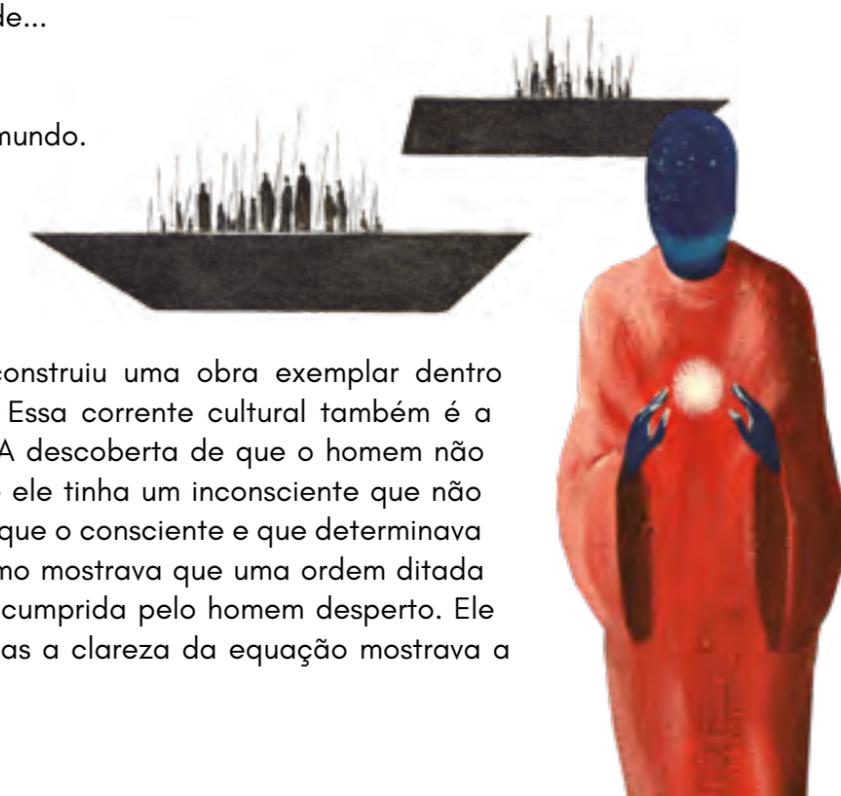
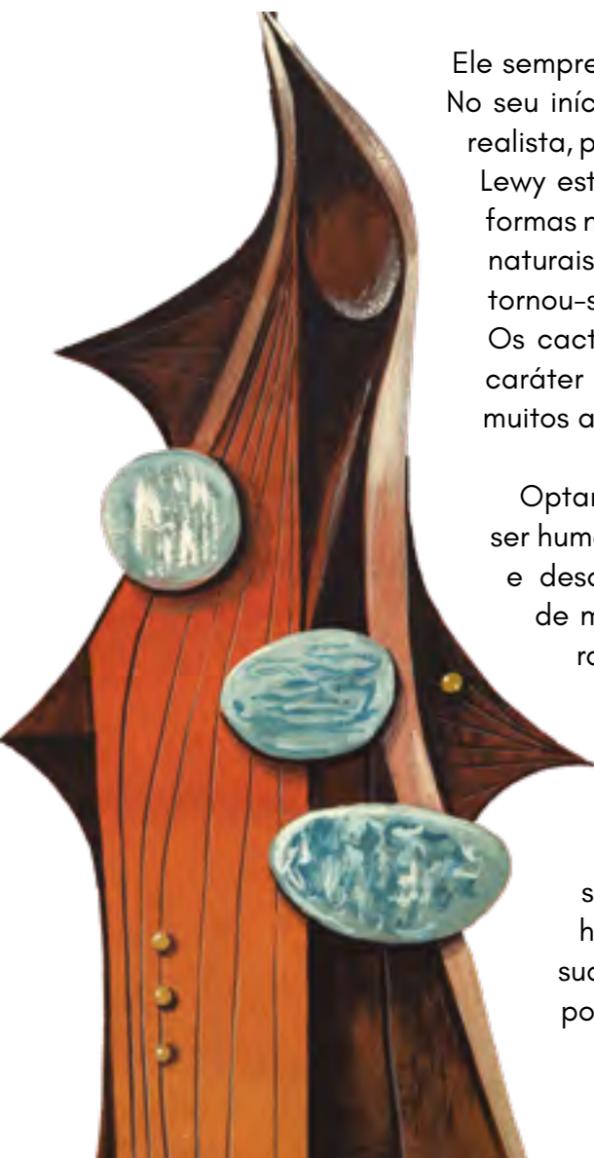
A fidelidade de Walter Lewy ao surrealismo diz muito de sua personalidade e do seu caráter. Ele está impregnado de tradição cultural. O seu percurso, a qualidade de seu ofício e a fidelidade ao ideário dizem isso. Do ponto de vista de como um homem encara a vida, não tenho a mínima dúvida do seu caráter. Ao que consta, ele teve dificuldades concretas e mercadológicas. Mas continuou ligado à um universo de paisagens e visões surreais. Lewy acha que o surreal, na verdade, é a ampliação do real.

Walter Lewy é um artista que descobriu em si uma grandeza maior do que a racionalidade. E identificou no mundo uma grandeza maior que a visão racionalista.

Walter Lewy era uma figura introspectiva. Talvez ele tivesse a percepção do seu relativo isolamento espiritual. É possível que se sentisse num exílio. Suave exílio, mas uma separação. Desalento. Houve um momento em que o diretor do MASP, Pietro Maria Bardi, me falou desse assunto. Bardi pensava que Walter Lewy não era devidamente considerado. Na ocasião, ele me falou do ostracismo. Entretanto, no ostracismo na Grécia, o indivíduo saía da cidade...

Do silêncio fez-se a vida.
A pintura e a nova ordem do mundo.
As figuras femininas azuis.
A mulher solar.
A mulher lunar.
A mulher egressa do Olimpo.

Walter Lewy, como artista, construiu uma obra exemplar dentro dos parâmetros do surrealismo. Essa corrente cultural também é a aceitação de um novo homem. A descoberta de que o homem não era um ser racional apenas, que ele tinha um inconsciente que não só era imenso, mas era maior do que o consciente e que determinava ações do lado claro. O hipnotismo mostrava que uma ordem ditada ao ser em estado hipnótico era cumprida pelo homem desperto. Ele não sabia porque agia assim, mas a clareza da equação mostrava a



força do inconsciente. A premissa do surrealismo era trabalhar com esse continente incógnito e que a produção cultural fosse não do homem partimentado, mas do homem total, envolvendo esse lado desconhecido, mas ativo.

Walter Lewy. O homem pesquisador, o homem autodescoberto.
Do silêncio fez-se a vida.
A pintura e a ordem do mundo.
As duas figuras femininas.

Walter Lewy é o homem voltado para si mesmo, para o interior, que vasculha a sua intimidade psíquica. Ele descobre o que ele é pela emergência do inconsciente, da alma, do que for, e esse tipo de homem é sempre paradigmático numa sociedade que costuma se perder em banalidades.

A obra de Walter Lewy tem dois vetores essenciais. O primeiro é a autodescoberta do psiquismo. Ele é um homem que alarga infinitamente a maneira de perceber o mundo, e essa percepção possui algumas qualidades conscientes e tem muitos conteúdos inconscientes. Ele usa o consciente com apurada técnica, o que mostra o controle consciente que ele tem do fluxo.

O outro vetor é a sua concepção do mundo, onde a sua percepção estabelece que as coisas são equivalentes. É um mundo total. O mineral, o vegetal, o humano, a paisagem, todas elas têm um dimensionamento sacro. Todos valem igualmente e são essenciais. Quando Walter Lewy pinta uma paisagem, a pedra parece que tem alma. A folha tem personalidade. Não são elementos vazios da natureza. Não é uma percepção de um homem que diverge da paisagem vista segundo uma visão humana. É, ao contrário, uma visão humana que diz que as coisas têm vida própria. Ele tem uma percepção do universo como um universo vivo. Todas as coisas são vivas, equivalentes e conectadas. Ele é um ser dentro da natureza, e o seu percurso é observar do que se trata.

Walter Lewy.
Mestre surrealista.
O viajante da alma.
O mestre do silêncio.
O sonhador.
O sonhador e a ordem oculta do mundo.
A sublime criação do mundo.

Walter Lewy.
O homem que sonhou a alma.



"É uma criatura extraordinária, alegre, extrovertida. Ótima companheira, devo muito ao seu estímulo. Sem isso, eu não teria o reconhecimento público que, embora tardio, está chegando agora. Se não fosse a fibra de Dirce e a vontade que eu tinha de vencer, não sei o que seria."

- Walter Lewy





“Pintura não é palavra. Ela é visual. Não pode ser explicada ou traduzida por palavra. Um título dá ao expectador uma opinião concebida, que talvez não corresponda com o que ele sente ou imagina. Então é raro eu carimbar ou bitolar um quadro com um título.

Viva o SURREALISMO!”

ψ
L.
LEWY



Asmodi, 1942
litografia
32 x 24 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 3/23.
Participou da exposição: Walter Lewy:
Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria
Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina
Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado
de São Paulo, 2013.

Flor de maracujá, 1942
litografia
32 x 24 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 1/97.
Participou da exposição: Walter Lewy:
Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria
Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina
Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado
de São Paulo, 2013.





Sem título, 1942
 xilogravura sobre papel de arroz
 20 x 29 cm
 assinatura inf. dir.

Exemplar: 10/20.
 Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Destruição, 1942
litografia
29 x 23 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 4/59.

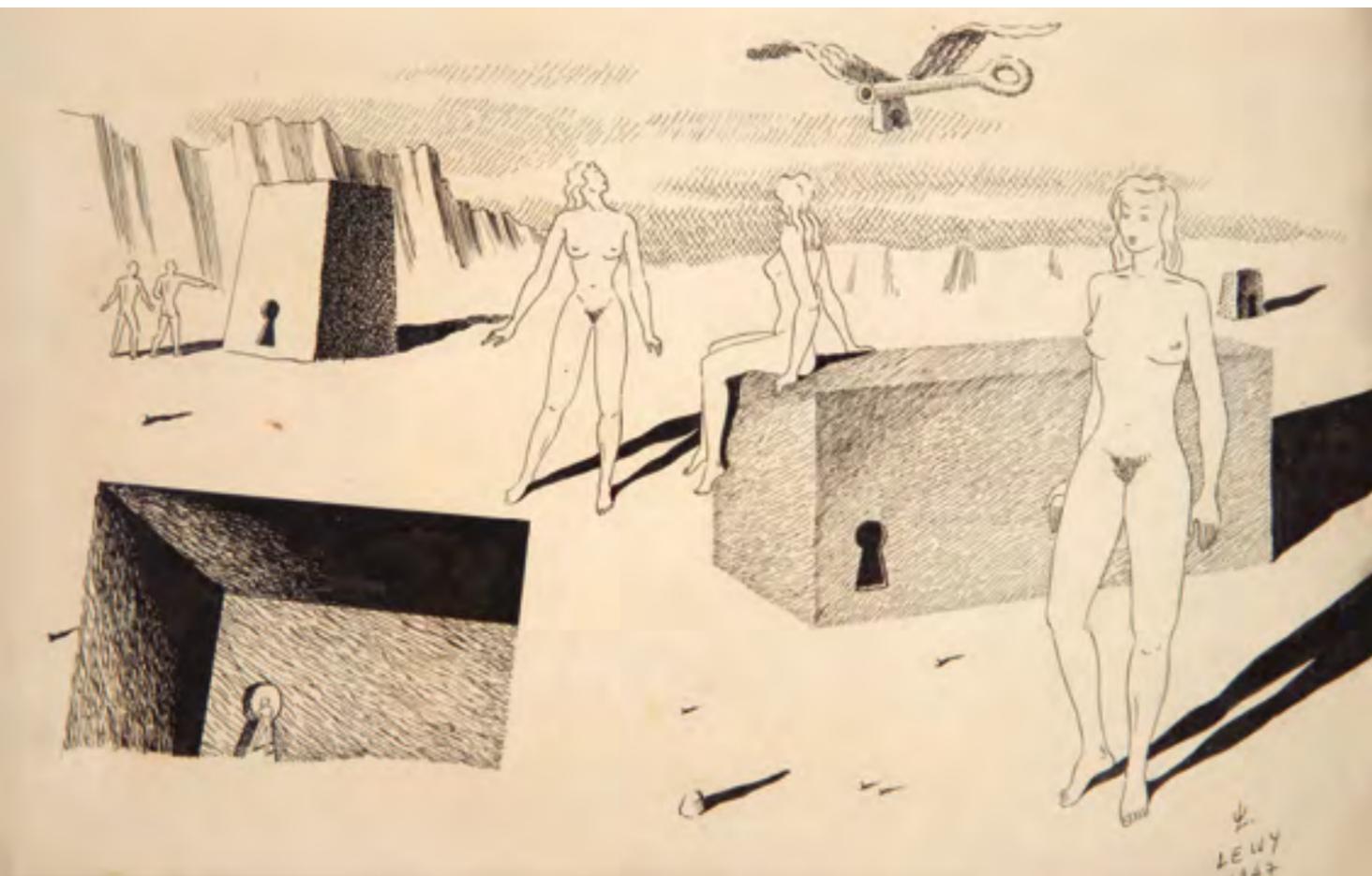
Parte de um álbum de 35 litografias de Bonadei, Clóvis Graciano, Lívio Abramo, M. Martins, Oswald Andrade e Walter Lewy.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

Sem título, 1946
óleo sobre tela
56 x 71 cm
assinatura inf. dir.

Participou das exposições: Walter Lewy: 35
anos de pintura no Brasil, Museu de Arte
Moderna de São Paulo, 1974, n°9 (etiqueta no
verso); Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no
Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José
e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do
Estado de São Paulo, 2013.



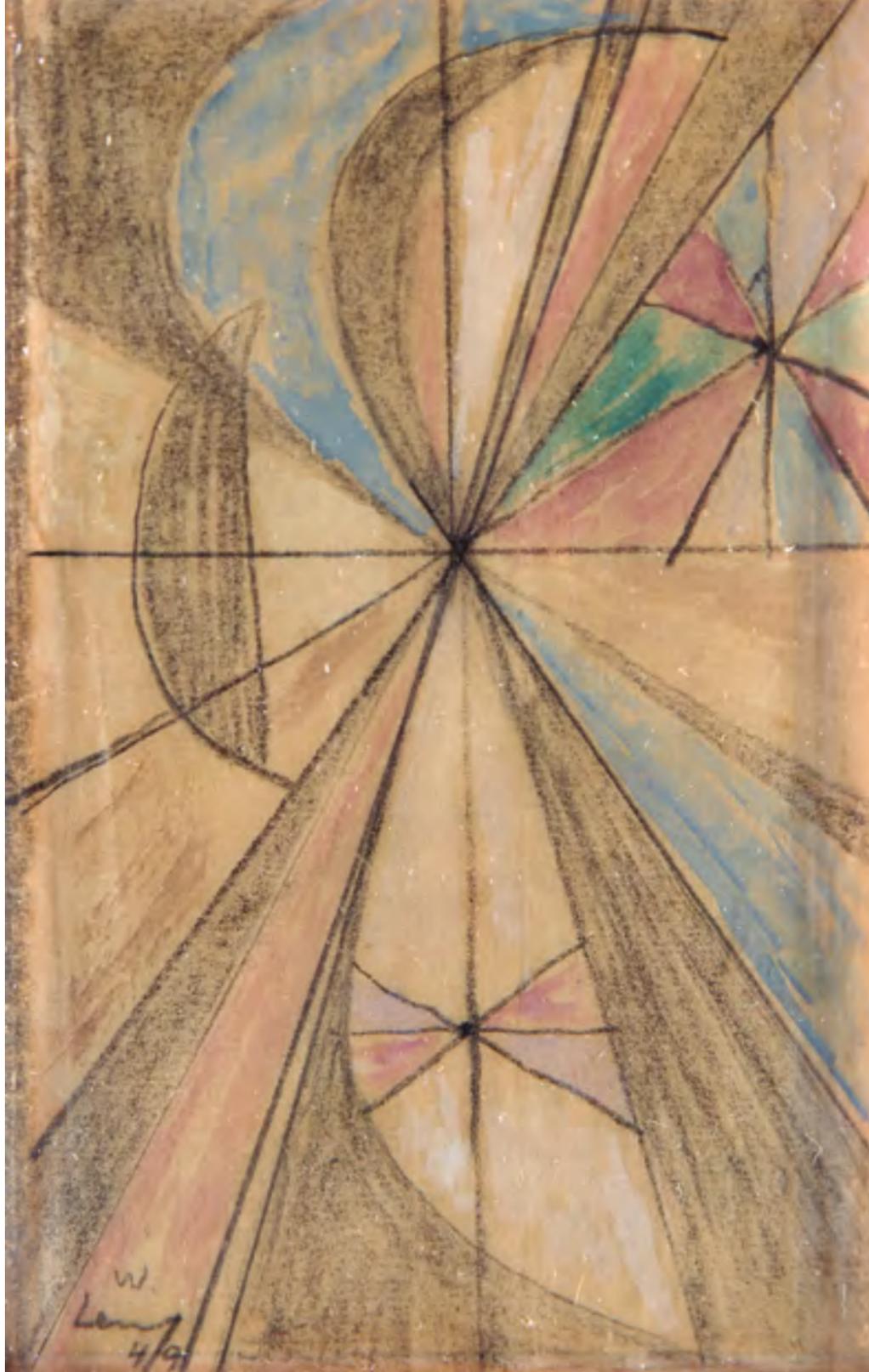


Sem título, 1947
 nanquim sobre papel
 19 x 28 cm
 assinatura inf. dir.

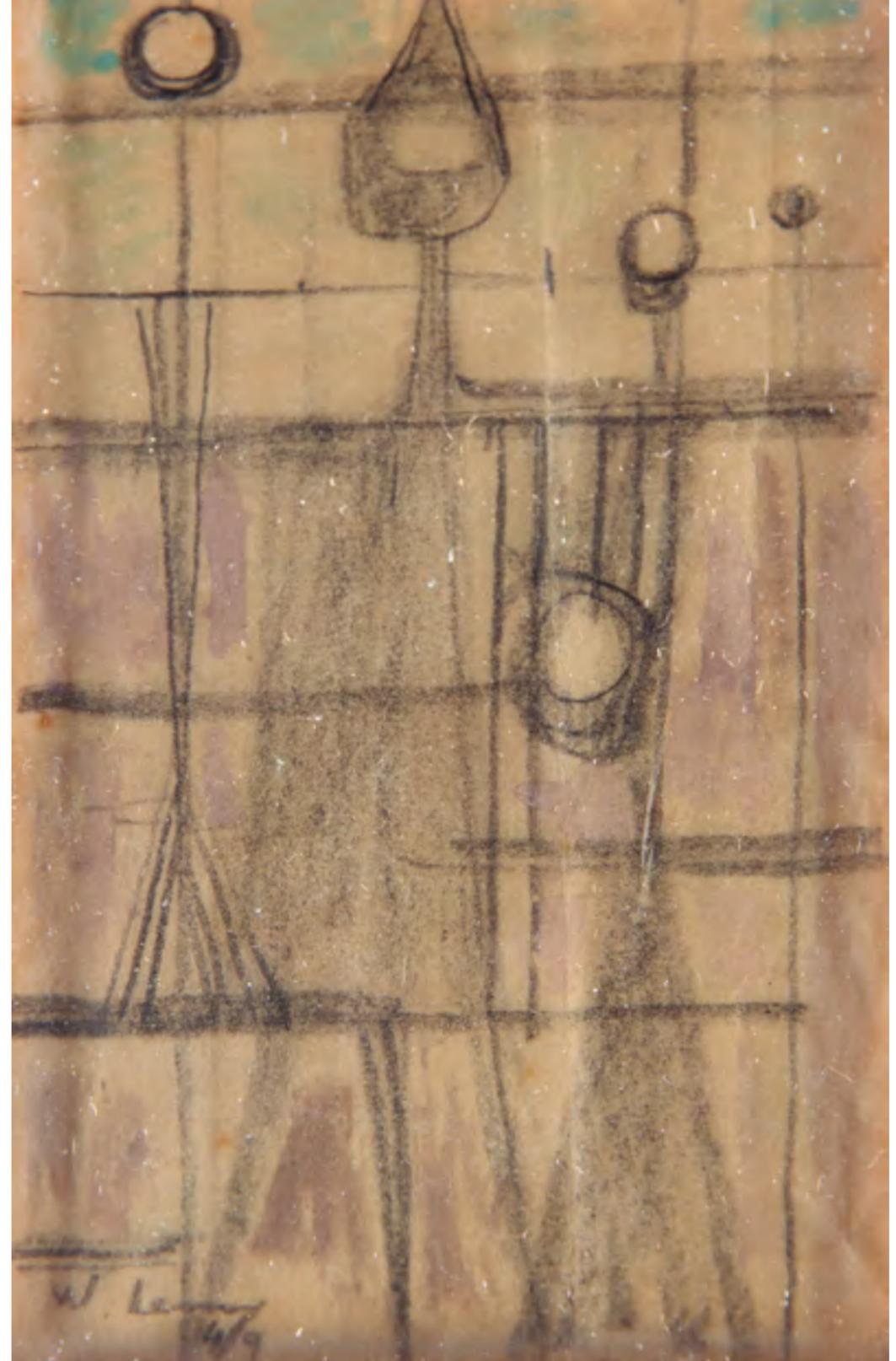
Participou do II Salão Bahiano de Belas Artes, Galeria Belvedere da Sé, Salvador, Bahia, 1950. (carimbo no verso)



Nu, 1947
 óleo sobre tela
 50 x 61 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1949
grafite e lápis de
cor sobre papel
11,5 x 9 cm
assinatura inf. esq.

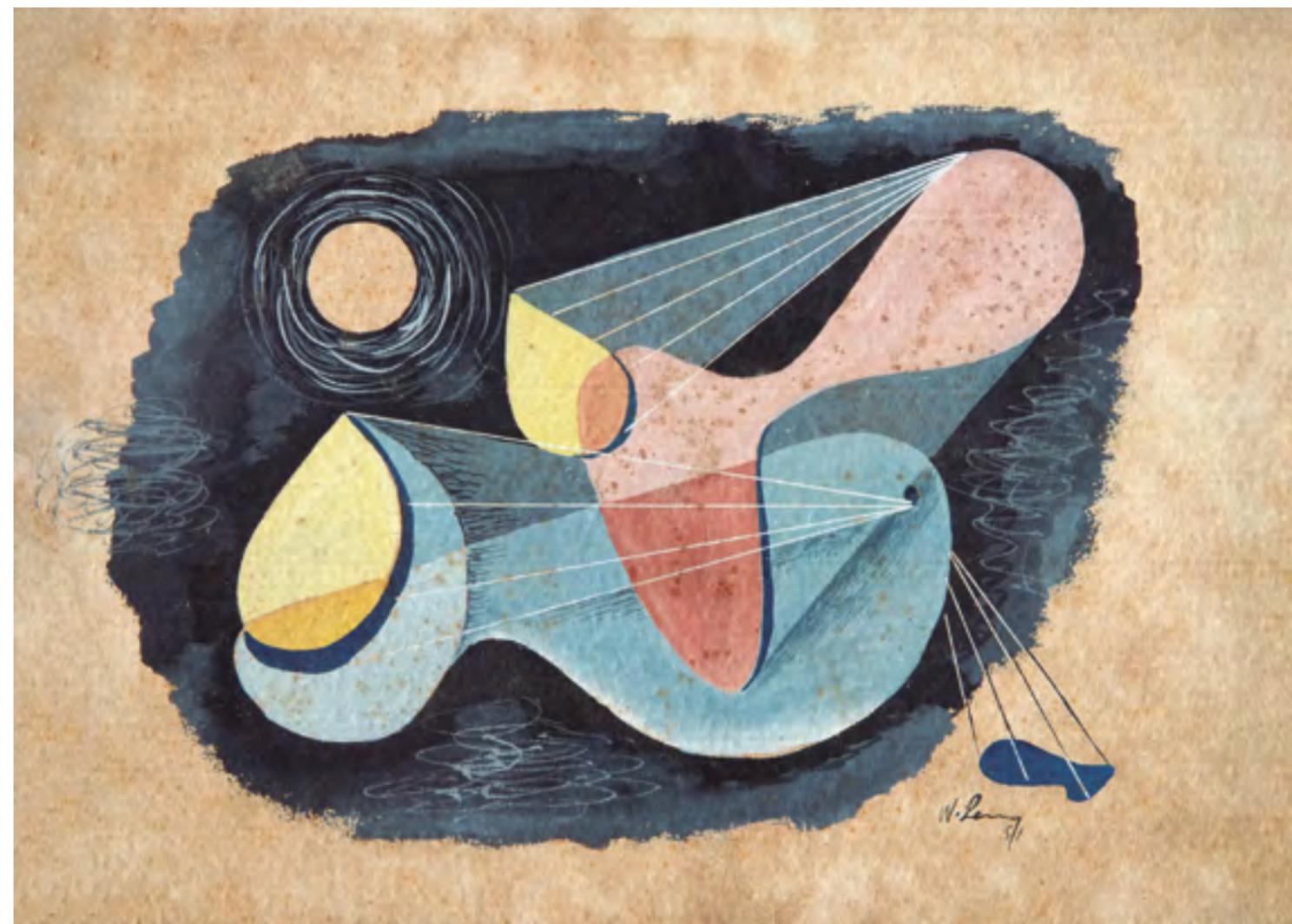


Sem título, 1949
grafite e lápis de cor oleoso sobre papel
11,5 x 9 cm
assinatura inf. esq.



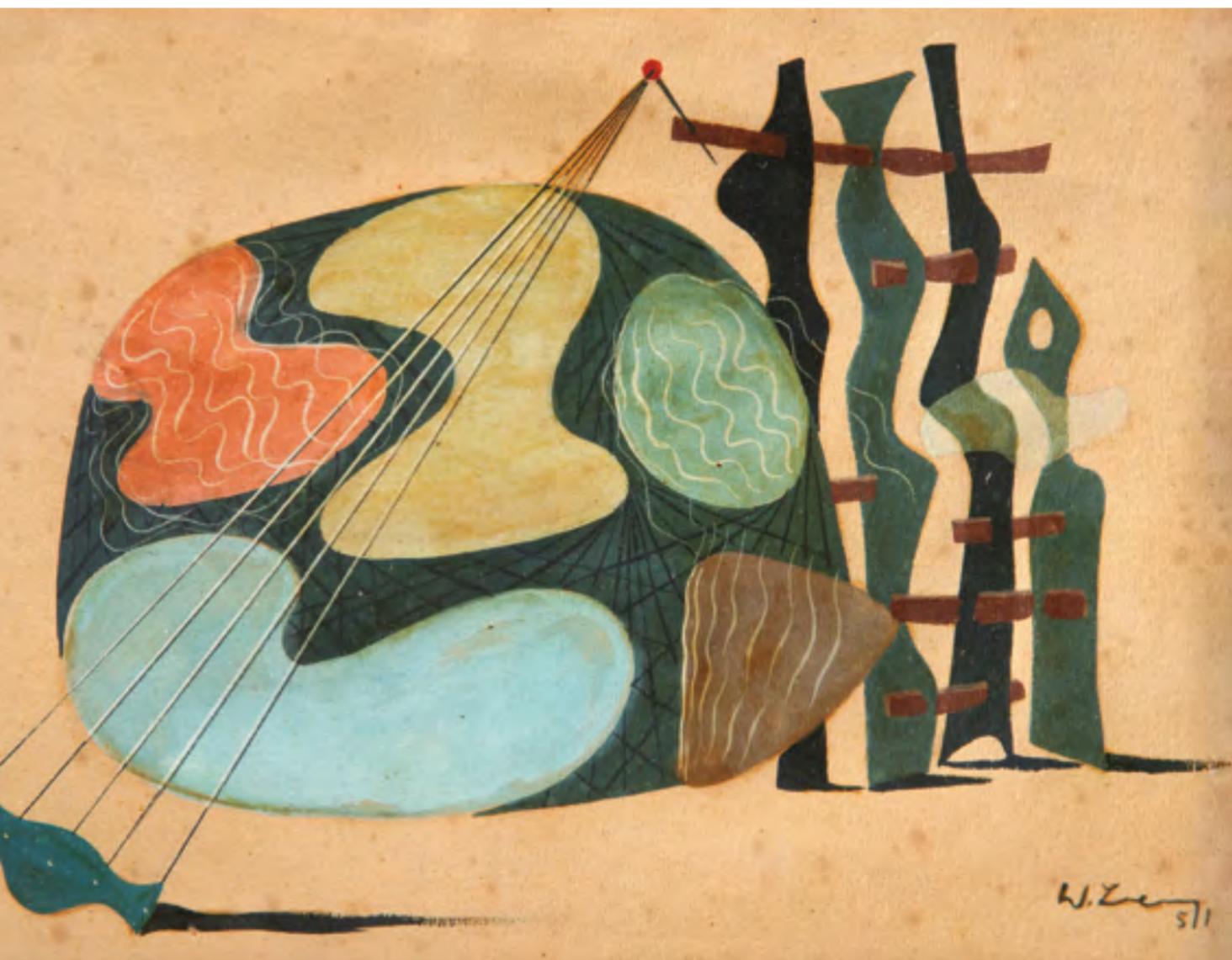
Sem título, 1951
 óleo sobre tela
 60 x 72 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1951
 guache sobre papel
 24 x 32 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1951
guache sobre papel
18 x 25 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1952
guache sobre papel
26 x 31 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

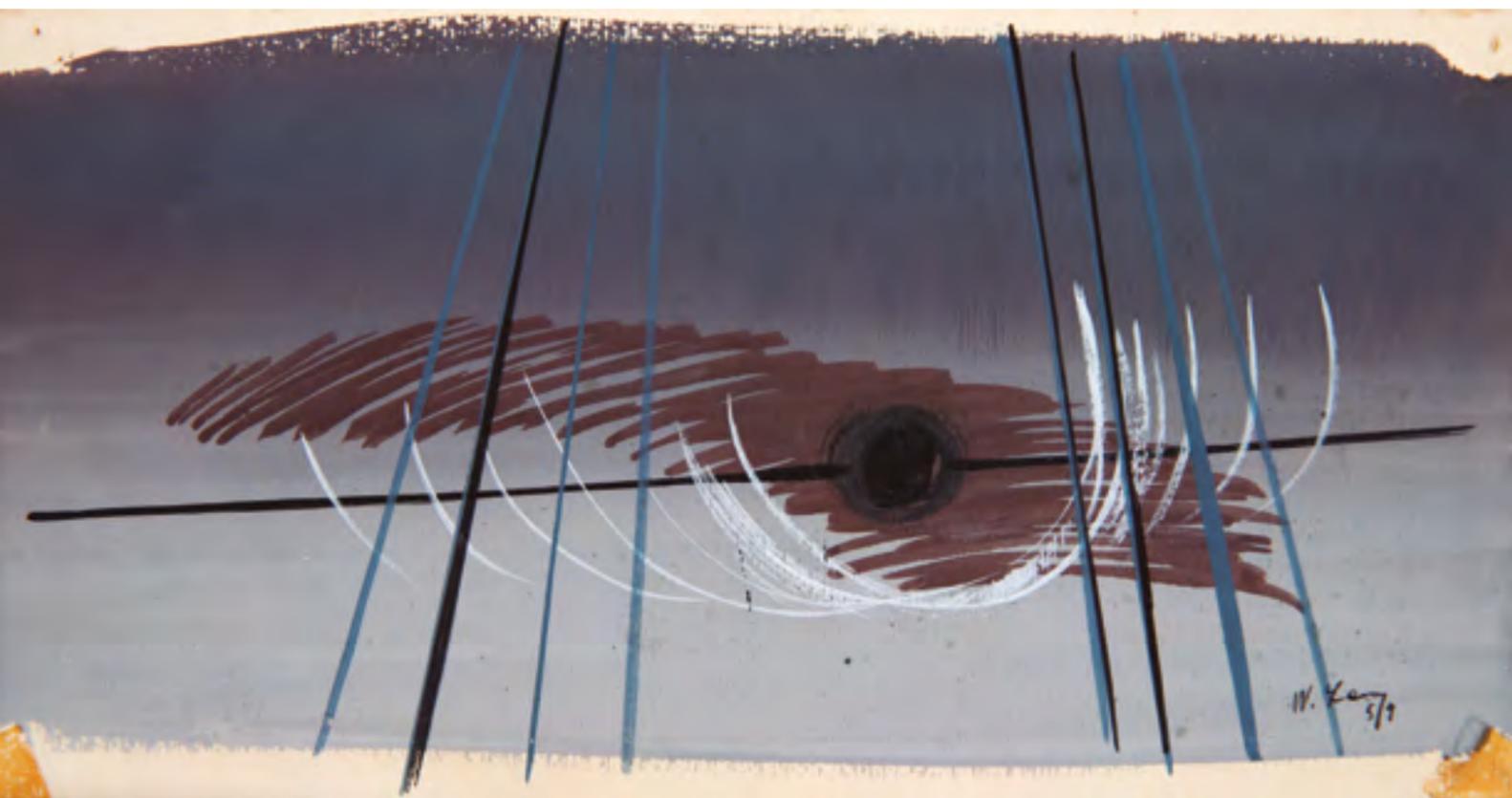


Sem título, 1954
óleo sobre tela
109 x 74 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1958
óleo sobre tela
100 x 75 cm
assinatura inf. dir.

Participou do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, Galeria de Artes das Folhas, São Paulo, 1958. (Etiqueta no verso)
Participou das exposições: 8 Bienal de São Paulo. Sala Especial: Surrealismo e Arte Fantástica, 1965; Walter Lewy: 35 anos de pintura no Brasil, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1974, n°42. p.52; Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

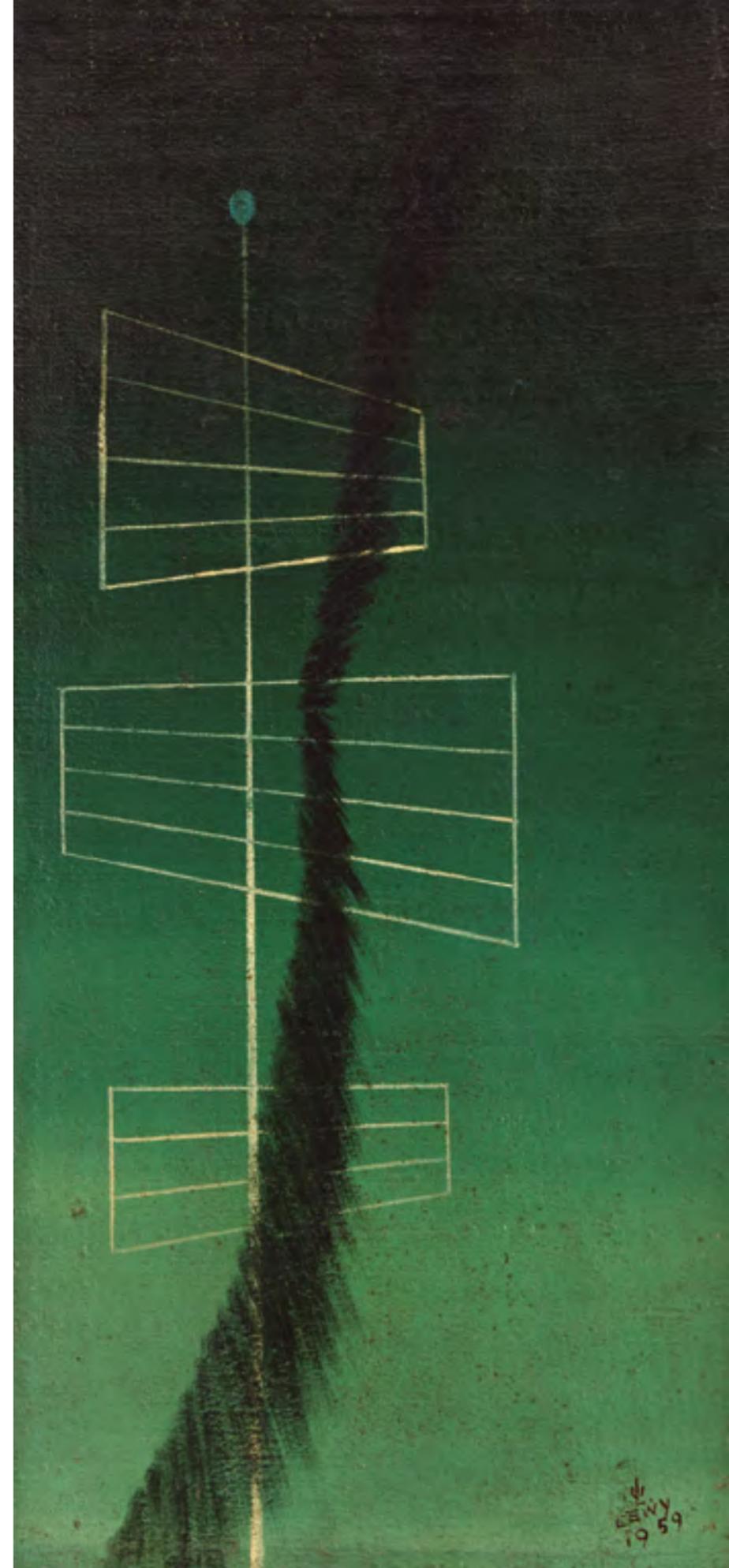


Sem título, 1959
guache sobre papel
11 x 22 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

Sem título, 1959
óleo sobre tela
52 x 24 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1960
 óleo sobre tela
 100 x 75 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1960
 guache sobre papel
 34 x 24 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.





Sem título, 1960
guache sobre papel
22 x 31 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

Sem título, 1962
óleo sobre eucatex
30 x 16 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.





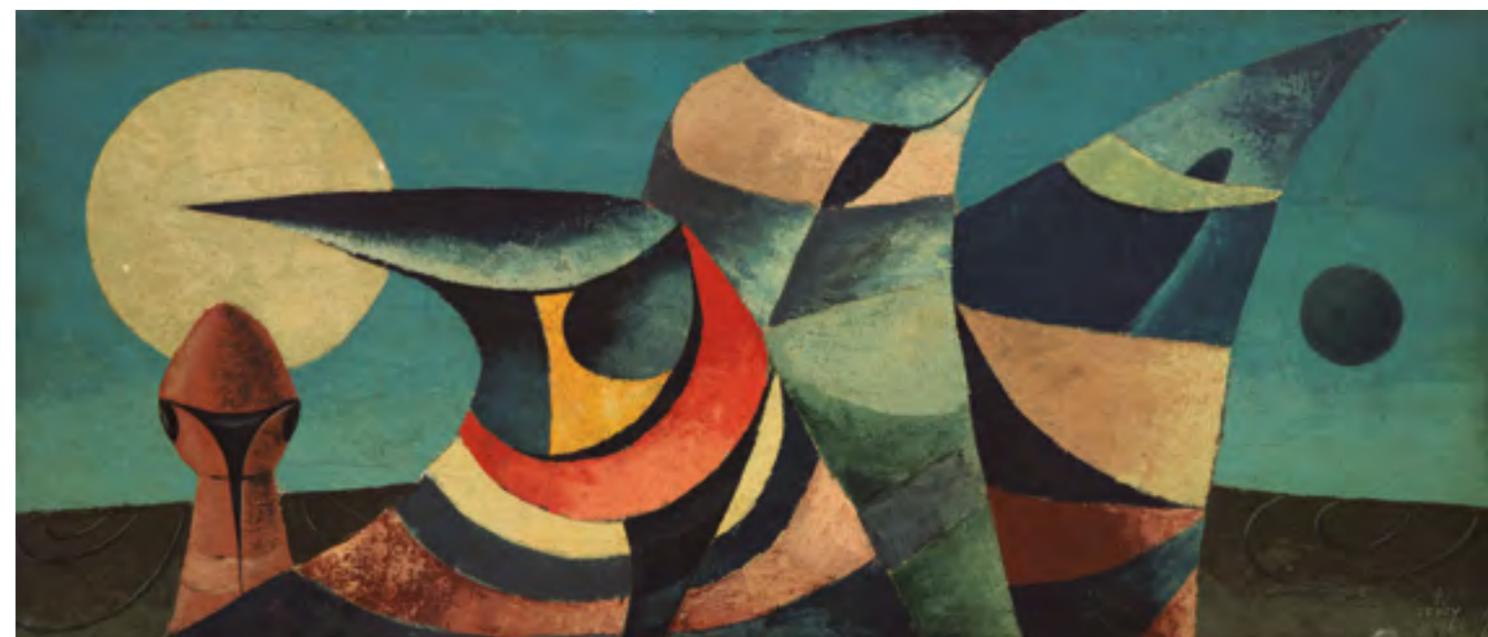
Sem título, 1965
óleo sobre tela
54 x 119 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1965
 óleo sobre tela
 54 x 119 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1966
 óleo sobre tela
 30 x 70 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1967
 óleo sobre tela
 46 x 100 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1967
 óleo sobre tela
 80 x 160 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1968
 óleo sobre tela
 60 x 80 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy:
 Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do
 Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1969
 óleo sobre tela
 50 x 60 cm
 assinatura inf. esq.



Prata e Cromo, 1969
 óleo sobre tela
 60 x 81 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013



Sem título, 1970
 óleo sobre tela
 60 x 78 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1971
 óleo sobre tela
 71 x 91 cm
 assinatura inf. dir.

Participou das exposições: Walter Lewy: 35 anos de pintura no Brasil, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1974, N°180. p.34 e 39; Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1971
 óleo sobre tela
 58 x 78 cm
 assinatura inf. dir.

Livro: PONTUAL. Roberto. Arte Brasil Hoje 50 Anos Depois. São Paulo: Collectio, 1973. p. 386.
 Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1972
óleo sobre tela
80 x 60 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

Sem título, 1972
óleo sobre tela
70 x 90 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter
Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil,
curadoria Daisy Peccinini, Fundação José
e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca
do Estado de São Paulo, 2013.





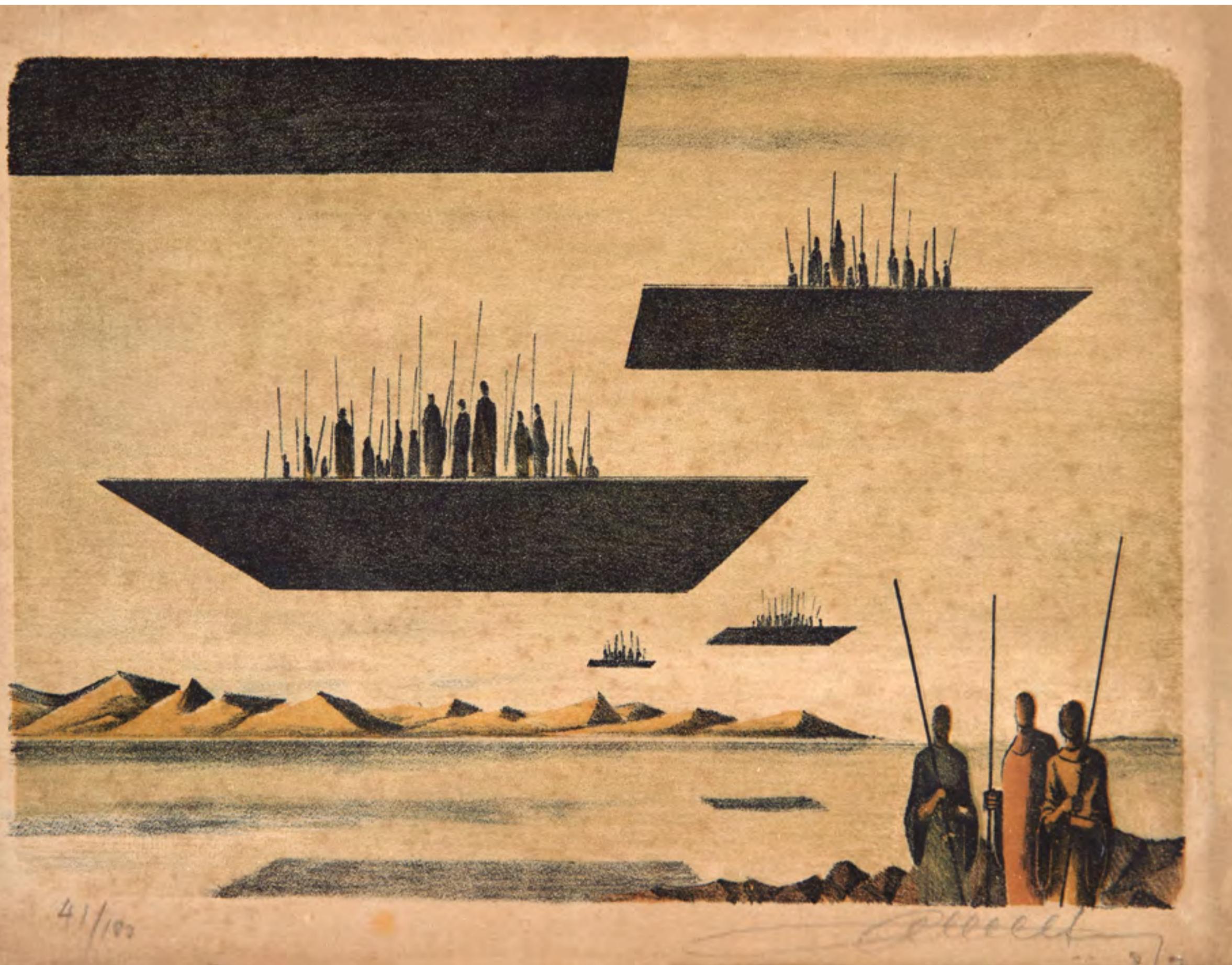
Sem título, 1972
óleo sobre tela
70 x 89 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1972
óleo sobre tela
60 x 81 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter
Lewy: Mestre do Surrealismo no
Brasil, curadoria Daisy Peccinini,
Fundação José e Paulina
Nemirovsky, Estação Pinacoteca do
Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1973
litografia
30 x 40 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 41/100.
Participou da exposição: Walter Lewy:
Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria
Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina
Nemirovsky, Estação Pinacoteca do
Estado de São Paulo, 2013.

41/100

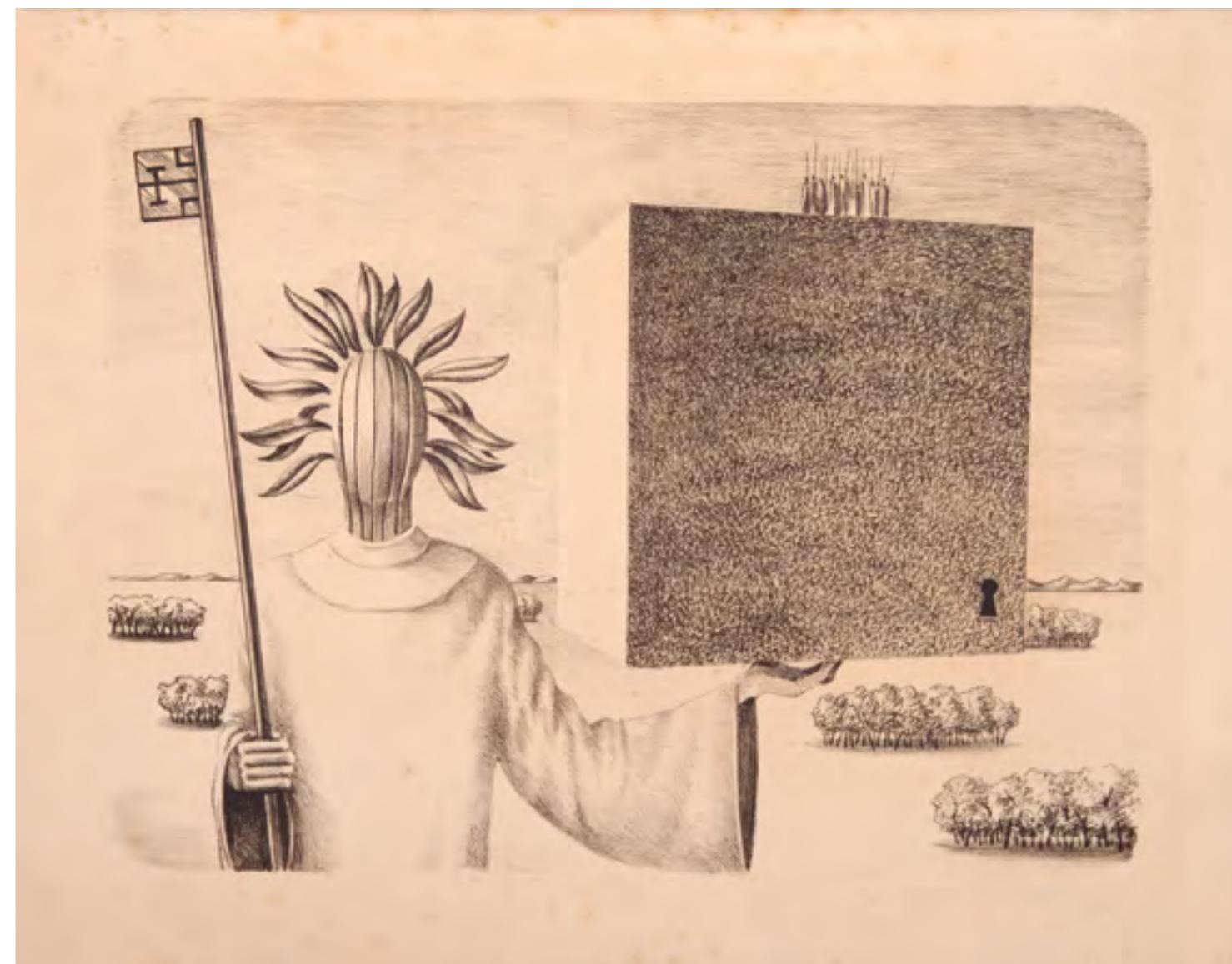
Walter Lewy



Sem título, 1973
litografia
60 x 74 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 42/100.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1973
litografia
50 x 60 cm
assinatura inf. dir.

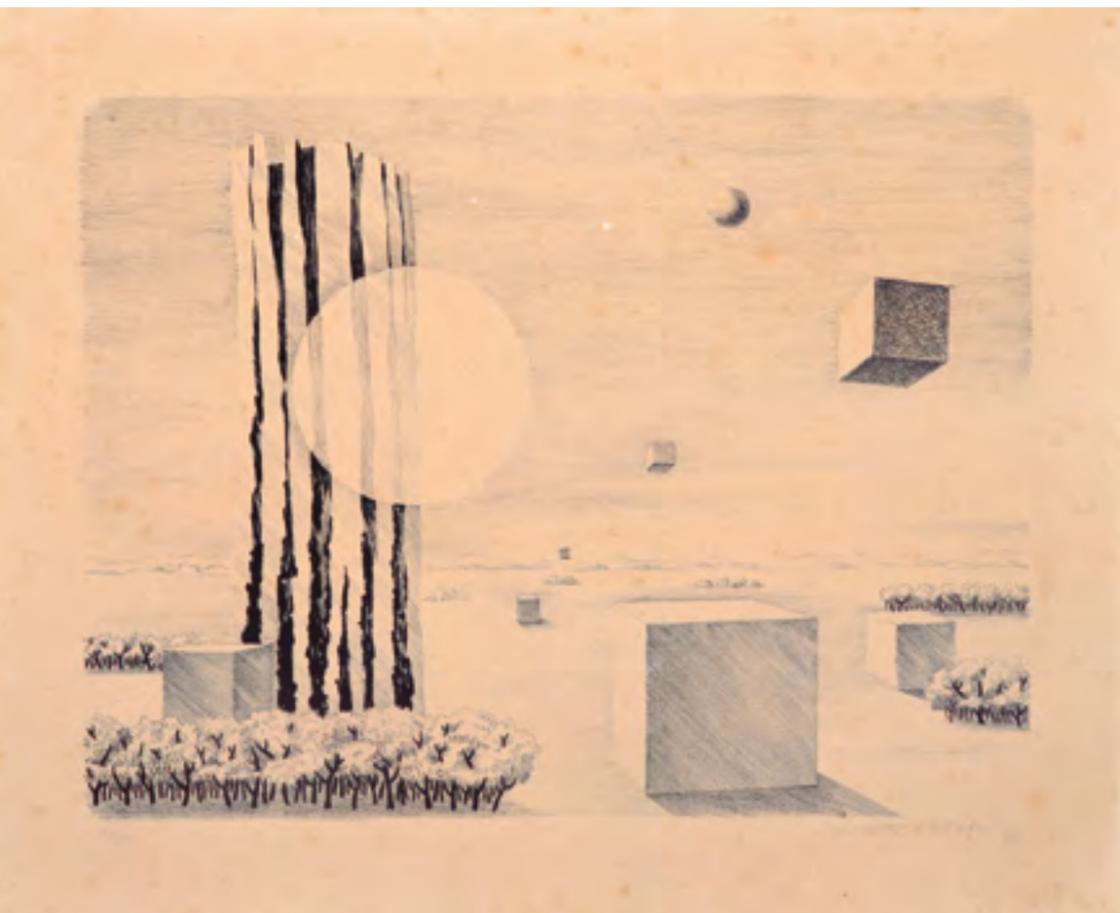
Exemplar: 9/50.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1973
óleo sobre tela
70 x 90 cm
assinatura inf. esq.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1973
litografia
48 x 60 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 17/50.



Sem título, 1974
óleo sobre tela
33 x 41 cm
assinatura inf. dir.

Sem título, 1974
óleo sobre tela
45 x 55 cm
assinatura inf. esq.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



ψ
LEWY
1974



Sem título, 1974
óleo sobre tela
53 x 72 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy:
Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria
Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina
Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado
de São Paulo, 2013.

Sem título, 1974
óleo sobre tela
26 x 35 cm
assinatura inf. dir.



LYGIA
1974



Sem título, 1975
óleo sobre tela
33 x 46 cm
assinatura inf. dir.

4
L. CLARK
1975



Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 61 x 81 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 33 x 46 cm
 assinatura inf. dir.

Estudo da tabela 13/1976.



Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 60 x 80 cm
 assinatura inf. esq.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

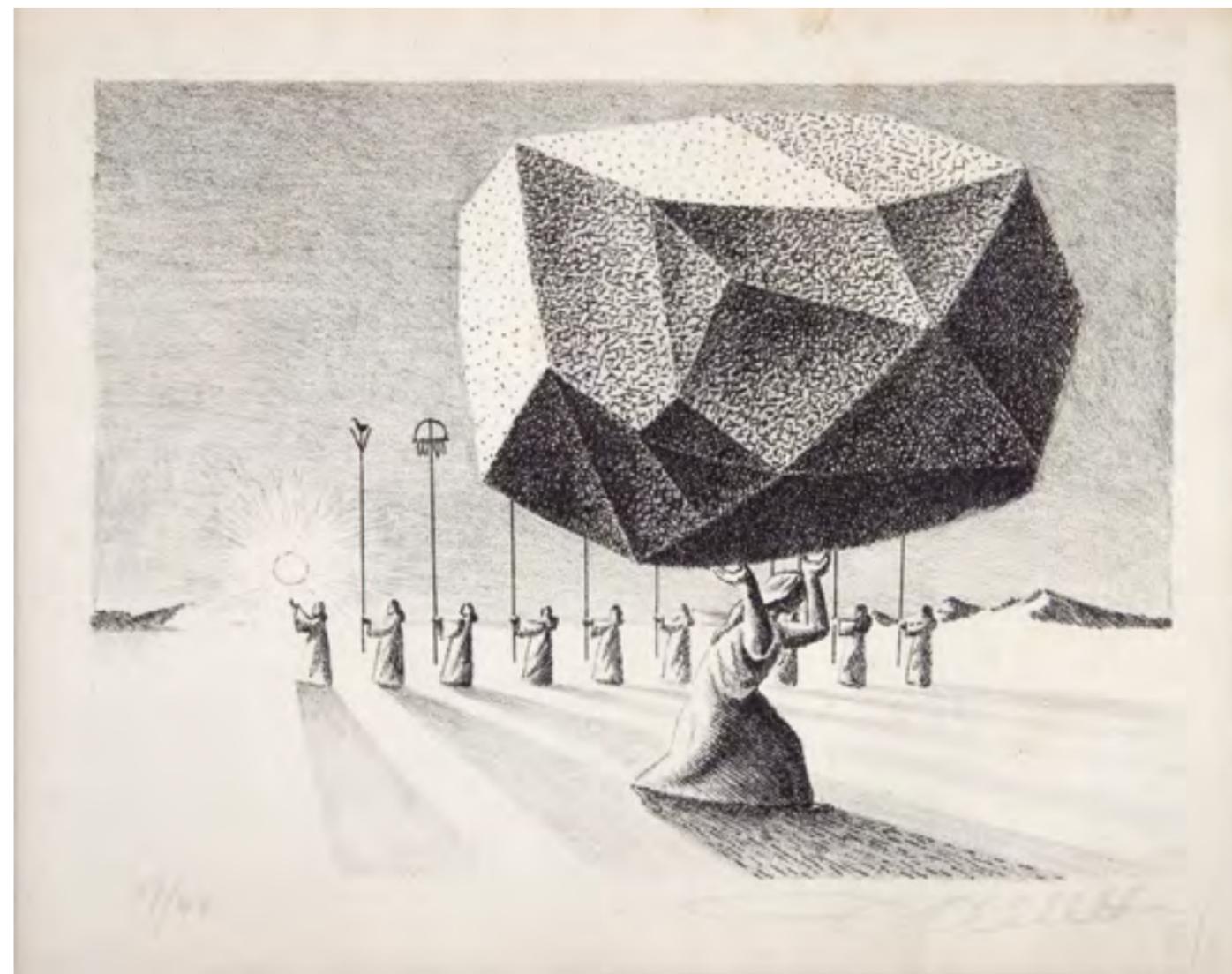


Sem título, 1976
 litografia
 50 x 35 cm
 assinatura inf. dir.

Pôster Escola da Arte. Ilustração Walter Lewy.
 Exemplar: 24/100.



Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 33 x 46 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1976
 litografia
 24 x 30 cm
 assinatura inf. dir.

Exemplar: 37/44.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1977
óleo sobre tela
46 x 33 cm
assinatura inf. esq.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



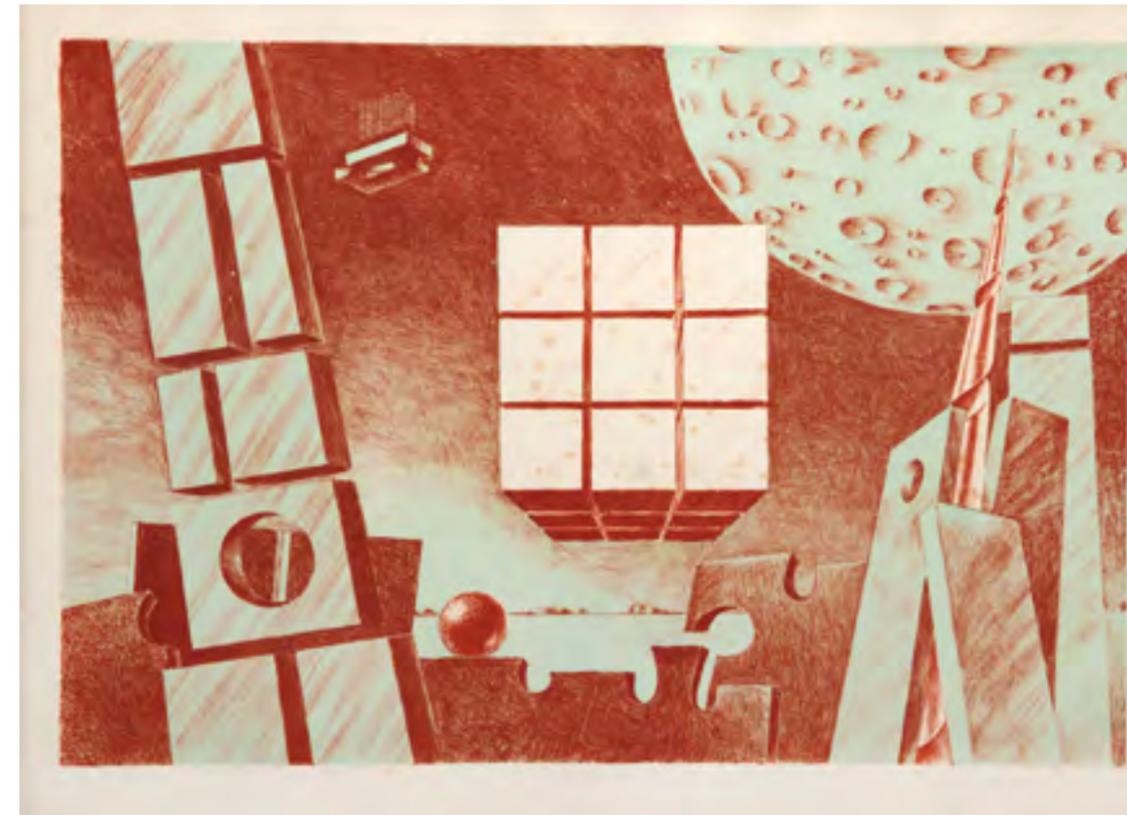
Dirce Pires, 1978
litografia em cores
75 x 56 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 17/34.



Sem título, 1978
litografia em cores
53 x 76 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar prova
de estado 7/8.



Sem título, 1979
litografia
39 x 52 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 11/30.



Sem título, 1979
óleo sobre tela
40 x 50 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1979
óleo sobre tela
40 x 50 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1980
óleo sobre tela
73 x 92 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1981
óleo sobre tela
40 x 50 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1982
 óleo sobre tela
 60 x 81 cm
 assinatura inf. esq.



Sem título, 1982
 óleo sobre tela
 50 x 85 cm
 assinatura inf. dir.

Sem título, 1984
óleo sobre tela
120 x 110 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1985, óleo sobre tela, 60 x 100 cm, assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



LEWY
1985



Sem título, 1985
litografia em cores
46 x 61 cm
assinatura inf. dir.

Exemplar: 12/40.



Sem título, 1986
óleo sobre tela
60 x 80 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1986
pôster
51 x 71 cm



Sem título, 1987
óleo sobre tela
60 x 80 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1991
 óleo sobre tela
 100 x 60 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição:
 Walter Lewy: Mestre do
 Surrealismo no Brasil,
 curadoria Daisy Peccinini,
 Fundação José e Paulina
 Nemirovsky, Estação
 Pinacoteca do Estado de
 São Paulo, 2013.



Sem título, 1993
 óleo sobre tela
 60 x 80 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
80 x 85 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
79 x 99 cm
assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013



Sem título, 1993
 óleo sobre tela
 49 x 69 cm
 assinatura inf. dir.

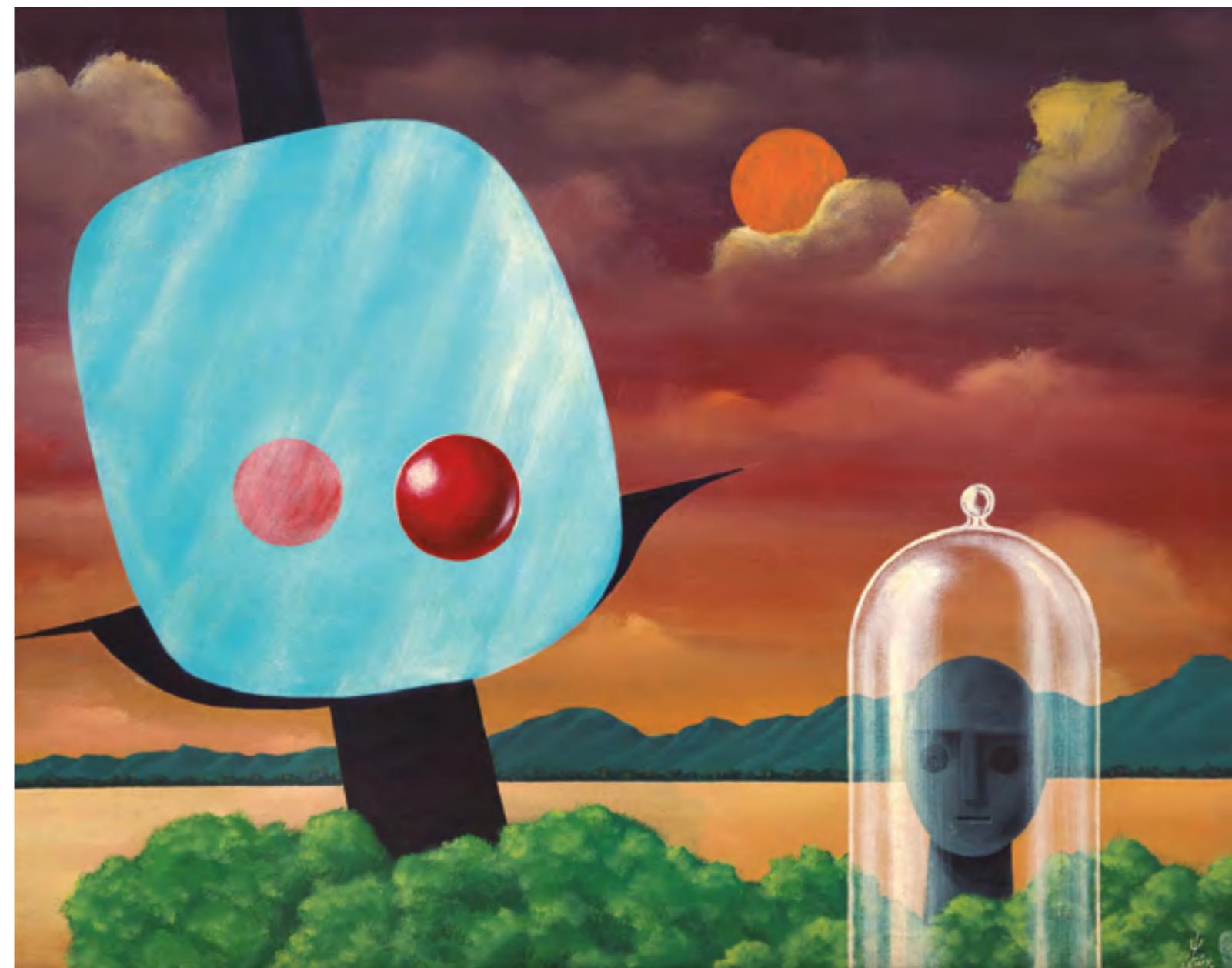


Sem título, 1993
 óleo sobre tela
 110 x 120 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Sem título, 1994
 óleo sobre tela
 100 x 100 cm
 assinatura inf. esq.



Sem título, 1995
 óleo sobre tela
 73 x 93 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no Brasil, curadoria Daisy Peccinini, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.



Livro de artista (coleção particular)
Estudo de obra p. 94



Estudo de obra p. 108



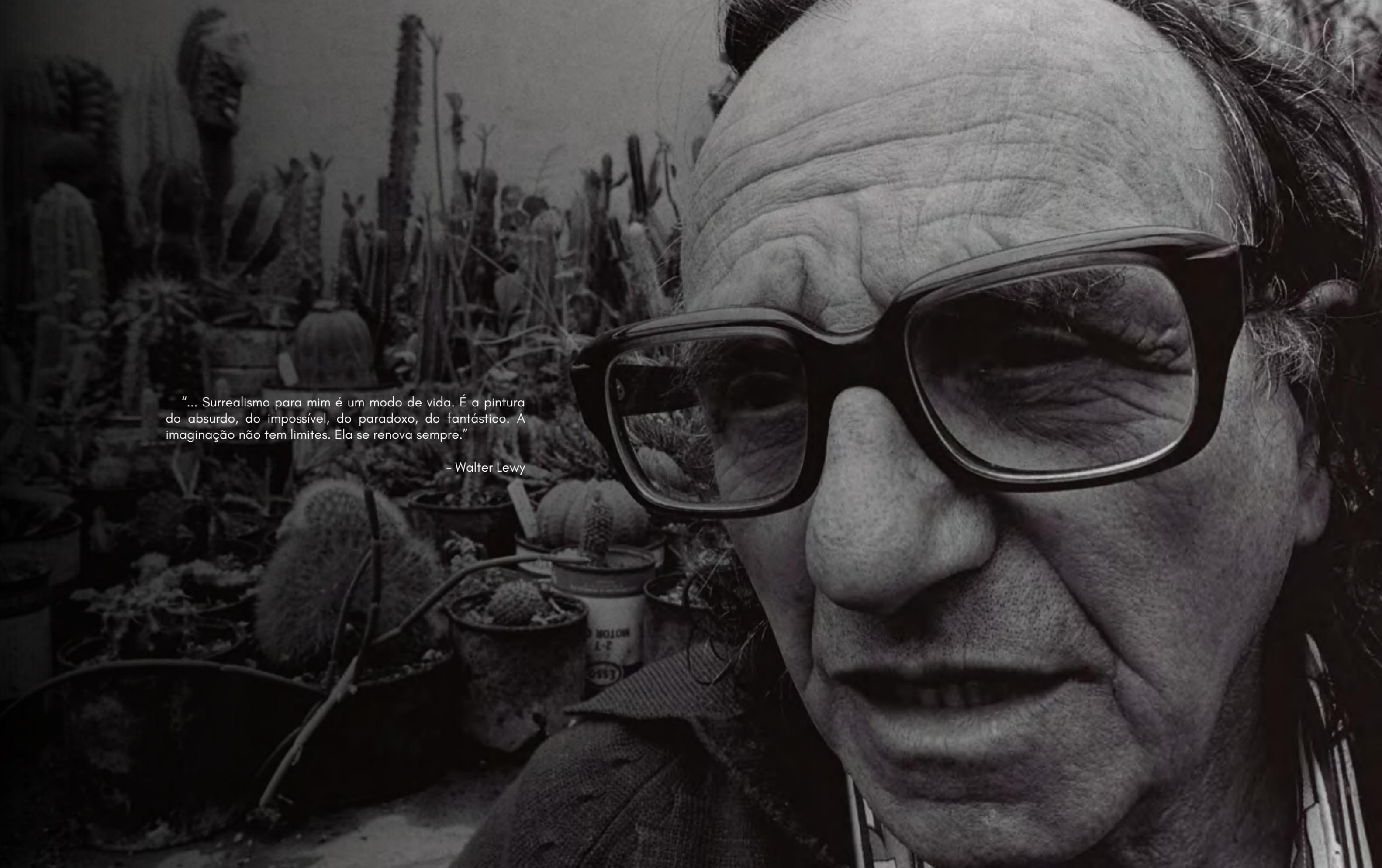
Estudo de obra p. 112



Estudo de obra p. 110



Estudo de obra p. 62

A black and white close-up portrait of an elderly man with thick, dark-rimmed glasses. He has a serious expression and is looking slightly to the left. The background is a dense, surreal arrangement of various plants, including cacti and succulents, some in pots. A small container with the text 'LASSO 2-1 MOTOR' is visible among the plants. The lighting is dramatic, highlighting the textures of his skin and the frames of his glasses.

"... Surrealismo para mim é um modo de vida. É a pintura do absurdo, do impossível, do paradoxo, do fantástico. A imaginação não tem limites. Ela se renova sempre."

- Walter Lewy

2013

Exposição: Walter Lewy - Mestre do Surrealismo no Brasil
Curadoria: Daisy Peccinini
Idealização: Claude Martin Vaskou e Marcial Feldon Borger

Visuais Inauguração

Resgate do pintor do impossível

Mostra celebra o esquecido artista alemão Walter Lewy, destacando a influência do Brasil na sua produção

Maria Hirszman
ESPECIAL PARA O ESTADO

De forma tão tanto perversa, a história da arte tende a concentrar sua atenção sobre poucas figuras, perpetuando mitos e deixando pelo caminho trajetórias importantes, seja pela qualidade individual da obra, seja porque ajudam a iluminar - por sintonia ou contraste - a produção de um período. Felizmente, de vez em quando se resgatam algumas dessas figuras esquecidas, como o pintor Walter Lewy, cujo trabalho é revisito, desde sábado, em exposição no 2.º andar da Estação Pinacoteca, em espaço ocupado pela Fundação Nemerovsky.

Por intermédio de 111 pinturas, gravuras e desenhos, a mostra reflete trajetória trilhada pelo artista alemão, de origem judaica, desde a sua chegada ao Brasil em 1938, fugindo da brutalidade nazista, até as últimas pinturas, feitas pouco antes de sua morte, em 1995, destacando sua vocação surrealista.

Inicialmente ligado ao movimento da Nova Objetividade, na Alemanha, Lewy afasta-se cada vez mais do caráter de denúncia desse movimento e passa, a partir de sua chegada ao País, a explorar um repertório de imagens de caráter onírico e simbólico que, segundo ele, lhe abriam um leque de inúmeras possibilidades.

Dentre os elementos mais recorrentes em sua produção estão as plantas suculentas, como cactos (já presentes no único desenho do período alemão presente na exposição), as pedras (que assumem diversas formas, de planetas a pedregulhos preciosos), chaves e fechaduras (como símbolos do masculino e feminino), ou a figura sensual de uma mulher nua, representando sua esposa Dree, que conhece por intermédio de Di Cavalcanti, de quem havia sido modelo.

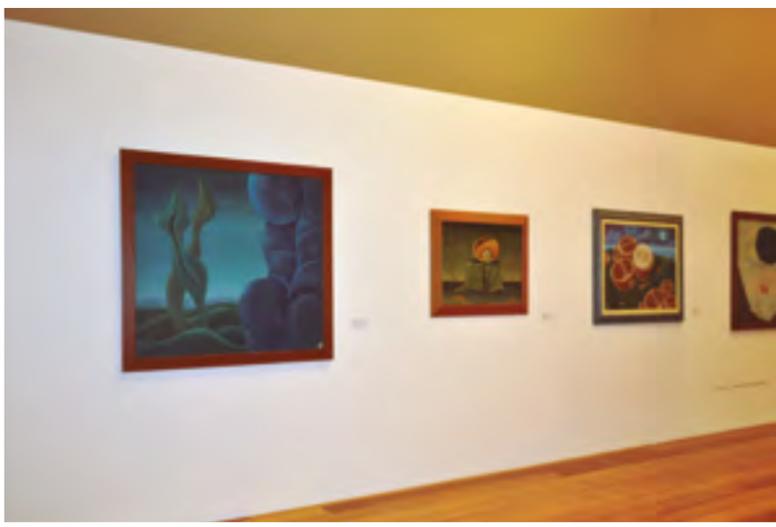
Definido o surrealismo como "a pintura do absurdo, do impossível, do paradoxo, do fantástico", ele permanece ao mesmo tempo fiel a esse universo metafísico e conectado com os movimentos mais amplos da arte internacional, como é possível ver, por exemplo, nos trabalhos dos anos 1950 e 1960, nos quais mantém intenso diálogo com o abstracionismo e as formas geométricas e sinuosas da arquitetura modernista.

Como curadora da mostra, Daisy Peccinini, Lewy assina os fortes vínculos com a classe artística brasileira: conviveu com figuras como Taras do Amaral, Di Cavalcanti (com quem vai à Bahia nos anos 1970 e lá absorve toda uma iconografia baseada nos símbolos do candomblé), Francisco Rebolo, Clóvis Graciano e Sérgio Millet, entre outros; esteve próximo do Grupo Santa Helena; e participou dos movimentos de fundação do Museu de Arte Moderna e da Bienal de São Paulo, onde expôs algumas vezes.

A ampla produção (foram repertoriados mais de cinco mil trabalhos), a presença em acervos importantes como os do MAC e MAM, as premiações e a ampla tela de relações pessoais não impediram que a obra de Lewy caísse no esquecimento por um longo período de tempo, provavelmente em decorrência da rejeição à pintura figurativa, de cunho surrealista, das últimas décadas.

Vaskou, que há dez anos se tornou colecionador de sua obra, conta que comprou obras de sua autoria "a preço de banana". Além da exposição - que deve itinerar pela Alemanha e por Israel e faz parte do Arco da Alemanha no Brasil -, o projeto de recuperação da obra contempla ainda um filme, *Walter Lewy, Pintor do Silêncio*, a ser lançado hoje, um vídeo com a sua ampla produção de obras sobre papel, e o projeto de um livro, ainda em processo de elaboração.

WALTER LEWY: MESTRE DO SURREALISMO NO BRASIL
Estação Pinacoteca, R. General Osório, 66. 3335-4890. 3ª e 6am, 10 h-18h. R\$ 8 (cath. grátis). Até 18/6.



Ministério da Cultura
Secretaria Municipal de Cultura
Fundação José e Paulina Nemerovsky
Contribuição para a
liberdade de expressão

WALTER LEWY MESTRE DO SURREALISMO NO BRASIL

15 Junho 2013 (sáb) às 11h às 14h

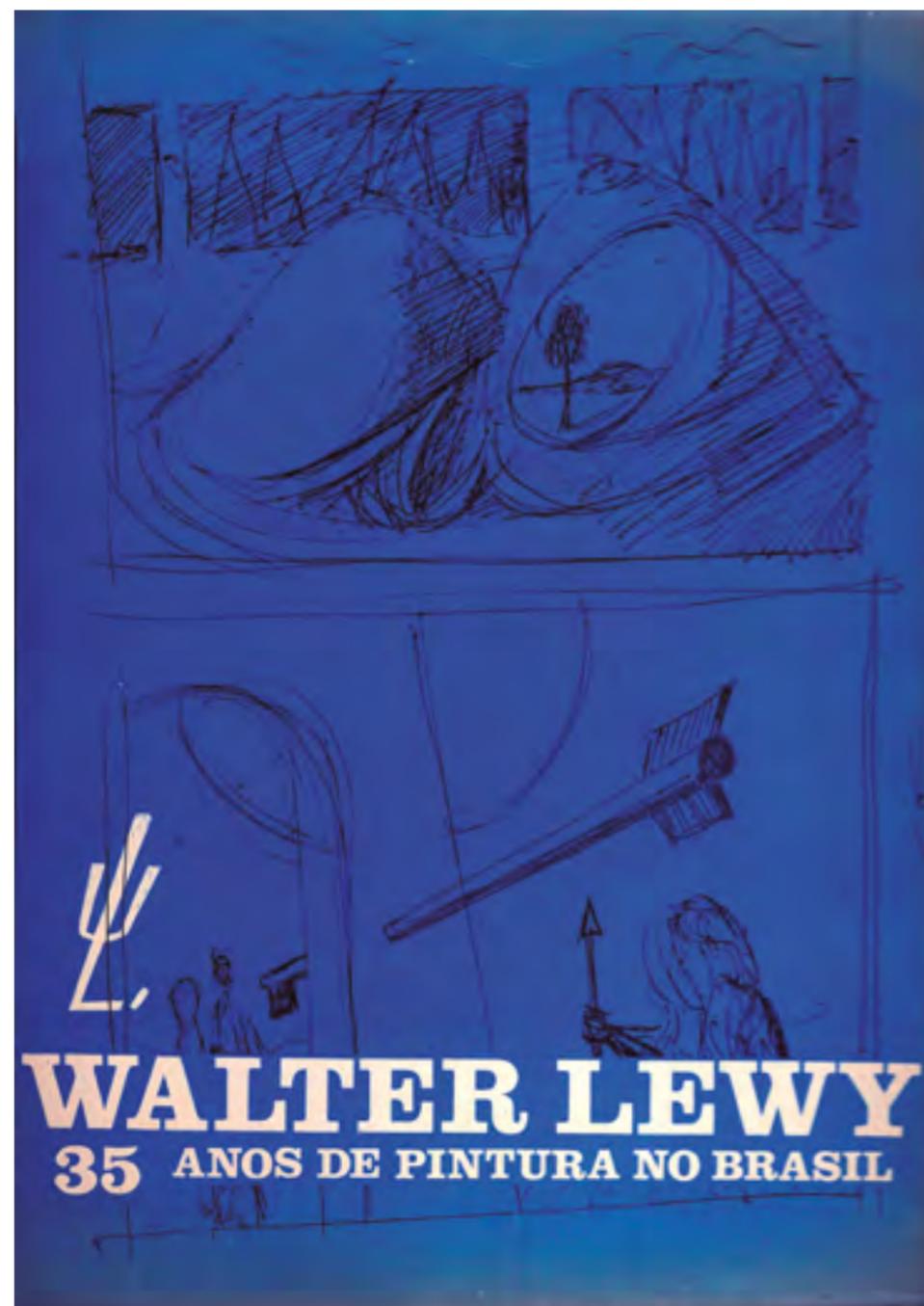
FUNDAÇÃO JOSÉ E PAULINA NEMEROVSKY
Largo General Osório 66 - 2º andar - República
São Paulo - SP
Mais informações (11) 3331-3768/3225-9082

Exposição: 15 junho a 18 agosto 2013
Terça e Domingo: 10h às 18h. Sexteiras até 20h
R\$ 8 (cath. grátis). R\$ 120 (cath.)
Reserva gratuita aos sábados

REDECARD
BRASIL

Editado por ocasião da mostra
realizada no Museu de Arte
Moderna de São Paulo
São Paulo, Brasil, março de 1974

Coordenação editorial de
Lisbeth Rebollo Gonçalves



Depoimento de Walter Lewy

Desde criança, sempre gostei de desenhar. Na escola, meu forte foi sempre desenho e línguas, especialmente latim. Mas só aos 18 anos fiz o primeiro quadro que considero "realizado". Tinha feito outros trabalhos, antes, como aluno da Escola de Artes de Dortmund, mas foi este primeiro quadro que marcou o início de minha carreira de pintor: era uma cena de um casal de velhos, sentado à mesa com um prato vazio diante de si, que intitulei "A Fome" e não era nada surrealista.

Dal em diante, comecei a trabalhar regularmente, fazendo meus óleos, guaches e gravuras. Meus pais nunca se opuseram a que eu me tornasse artista, embora seguramente não fosse a carreira do maior agrado deles.

Do período em que estudei e integrei o grupo do realismo mágico, ficou-me a lembrança de ter conhecido os melhores pintores da minha terra natal e de ter travado contato com as artes plásticas de uma forma sistemática. Do realismo mágico, ficou-me como que uma abertura para o surrealismo, uma espécie de transição.

Acredito que o surrealismo tenha sido para mim uma necessidade de renovação, não só adequada ao momento (de entre-guerras) que vivíamos, mas inclusive uma entrada num campo inesgotável. Para mim, o surrealismo é inesgotável, renova-se sempre e, pelo seu próprio conteúdo, permanece atual.

Sempre me senti atraído pelas plantas e daí surgiu a vinculação de minha experiência botânica com a arte que faço. Ainda criança, já colecionava diversas plantas, aumentando gradativamente minha coleção: cheguei a trazer algumas da Alemanha e uma delas ainda existe. Continuei a colecionar e, hoje, tenho uma infinidade de cactáceas e plantas suculentas. As formas estranhas e inusitadas, formas às vezes quase impossíveis de imaginar, como tudo que é fantástico, são fonte de uma agradável atração, para mim, e isso penetrou em minha pintura.

Da minha vida artística aqui no Brasil, recordo-me das velhas amizades com Pancetti, Goeldi, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, pessoas que logo conheci, ao chegar a São Paulo. Aliás, uma das maiores alegrias de minha vida foi sentir a maneira carinhosa como fui recebido pelos artistas paulistas ou radicados em São Paulo. Isso facilitou para que eu me integrasse logo ao movimento das artes plásticas brasileiras, então num período de afirmação e consolidação.

Atualmente, sinto-me um pintor brasileiro. Nos últimos anos, acho que tenho muito do Brasil, no colorido, nas paisagens, e isso eu fui absorvendo aos poucos, organicamente. A Europa está distante de mim: naturalizei-me brasileiro, aqui vivo e trabalho e sinto-me brasileiro. Aqui construo minha arte, aqui construí minha família: há quase vinte anos sou casado com Dirce e tenho dois filhos.

Quanto à posição atual da pintura moderna, parece-me crítica, em alguns pontos. De um lado, a exuberância do mau gosto da **pop-art**, cheia de pretensões e **kitsch**; de outro lado, a arrogância dos partidários da **op-art**, que enchem telas imensas com uma só cor e eventualmente nos surpreendem com a audácia de mais uma ou duas linhas, numa autêntica pintura do tédio e do vácuo. Considero a arte conceitual como algo marginal e sua própria definição é de passagem, de não-permanência; inclusive, não me toca a ponto de levar-me a maiores comentários.

É interessante, para nós no Brasil, observar como essas tendências são aceitas aqui, como em pouco tempo elas vencem todos os obstáculos, mas como também não se conseguem manter. É igualmente interessante notar como muitos jovens pintores já não se deixam mais atrair pelo sucesso fácil e procuram um meio de expressão artística mais chegado às raízes do nosso país, o que nos dá a certeza de que em tempo previsível se formará uma pintura de caráter mais brasileiro, sem influência de correntes passageiras.

Relação de obras



Asmodi, 1942
litografia
32 x 24 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1942
xilogravura sobre
papel de arroz
20 x 29 cm
assinatura inf. dir.



Flor de maracujá, 1942
litografia
32 x 24 cm
assinatura inf. dir.



Destruição, 1942
litografia
29 x 23 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1946
óleo sobre tela
56 x 71 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1947
nanquim sobre papel
19 x 28 cm
assinatura inf. dir.



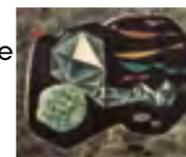
Nu, 1947
óleo sobre tela
50 x 61 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1949
grafite e lápis de cor
sobre papel
11,5 x 9 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1949
grafite e lápis de cor oleoso sobre
papel
11,5 x 9 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1951
óleo sobre tela
60 x 72 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1951
guache sobre papel
24 x 32 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1951
guache sobre papel
18 x 25 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1952
guache sobre papel
26 x 31 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1954
óleo sobre tela
109 x 74 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1958
óleo sobre tela
100 x 75 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1959
guache sobre papel
11 x 22 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1959
óleo sobre tela
52 x 24 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1960
guache sobre papel
34 x 24 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1960
 óleo sobre tela
 100 x 75 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1962
 óleo sobre eucatex
 30 x 16 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1965
 óleo sobre tela
 54 x 119 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1967
 óleo sobre tela
 46 x 100 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1968
 óleo sobre tela
 60 x 80 cm
 assinatura inf. dir.



Prata e Cromo, 1969
 óleo sobre tela
 60 x 81 cm
 assinatura inf. dir.



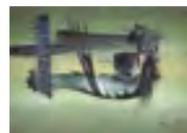
Sem título, 1971
 óleo sobre tela
 71 x 91 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1972
 óleo sobre tela
 80 x 60 cm
 assinatura inf. dir.



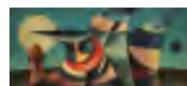
Sem título, 1972
 óleo sobre tela
 70 x 89 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1960
 guache sobre papel
 22 x 31 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1965
 óleo sobre tela
 54 x 119 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1966
 óleo sobre tela
 30 x 70 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1967
 óleo sobre tela
 80 x 160 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1969
 óleo sobre tela
 50 x 60 cm
 assinatura inf. esq.



Sem título, 1970
 óleo sobre tela
 60 x 78 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1971
 óleo sobre tela
 58 x 78 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1972
 óleo sobre tela
 70 x 90 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1972
 óleo sobre tela
 60 x 81 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1973
 litografia
 60 x 74 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1973
 litografia
 50 x 60 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1973
 litografia
 48 x 60 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1974
 óleo sobre tela
 45 x 55 cm
 assinatura inf. esq.



Sem título, 1974
 óleo sobre tela
 26 x 35 cm
 assinatura inf. dir.



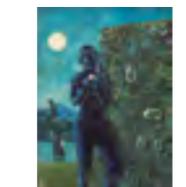
Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 60 x 80 cm
 assinatura inf. esq.



Sem título, 1976
 litografia
 50 x 35 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 61 x 81 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1977
 óleo sobre tela
 46 x 33 cm
 assinatura inf. esq.



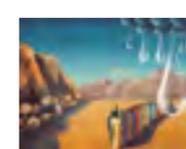
Sem título, 1973
 litografia
 30 x 40 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1973
 óleo sobre tela
 70 x 90 cm
 assinatura inf. esq.



Sem título, 1974
 óleo sobre tela
 33 x 41 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1974
 óleo sobre tela
 53 x 72 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1975
 óleo sobre tela
 33 x 46 cm
 assinatura inf. dir.



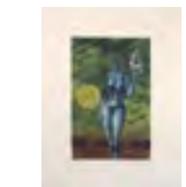
Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 33 x 46 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1976
 óleo sobre tela
 33 x 46 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1976
 litografia
 24 x 30 cm
 assinatura inf. dir.



Dirce Pires, 1978
 litografia em cores
 75 x 56 cm
 assinatura inf. dir.



Sem título, 1978
litografia em cores
53 x 76 cm
assinatura inf. dir.



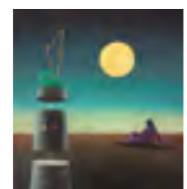
Sem título, 1979
litografia
39 x 52 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1980
óleo sobre tela
73 x 92 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1982
óleo sobre tela
60 x 81 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1984
óleo sobre tela
120 x 110 cm
assinatura inf. dir.



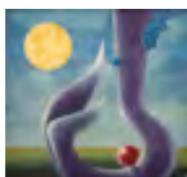
Sem título, 1985
óleo sobre tela
60 x 100 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1986
pôster
51 x 71 cm



Sem título, 1991
óleo sobre tela
100 x 60 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
80 x 85 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1979
óleo sobre tela
40 x 50 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1979
óleo sobre tela
40 x 50 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1981
óleo sobre tela
40 x 50 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1982
óleo sobre tela
50 x 85 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1985
litografia em cores
46 x 61 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1986
óleo sobre tela
60 x 80 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1987
óleo sobre tela
60 x 80 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
60 x 80 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
110 x 120 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
49 x 69 cm
assinatura inf. dir.



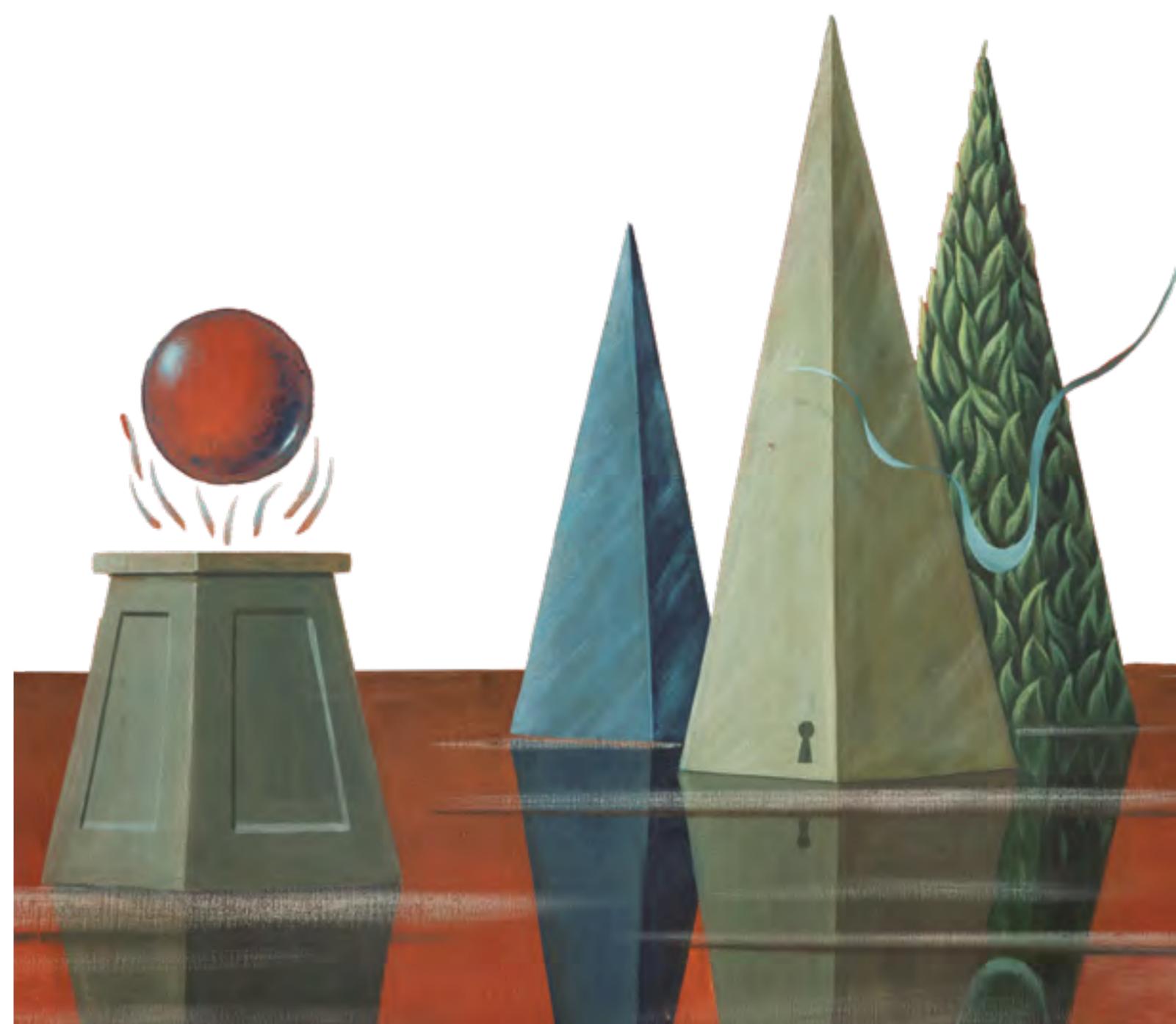
Sem título, 1994
óleo sobre tela
100 x 100 cm
assinatura inf. esq.



Sem título, 1993
óleo sobre tela
79 x 99 cm
assinatura inf. dir.



Sem título, 1995
óleo sobre tela
73 x 93 cm
assinatura inf. dir.



Cronologia

Claude Martin Vaskou e Eliana Minillo

1905 - Walter Lewy nasceu em Bad Oldesloe, cidade do distrito de Stormarn, estado de Schleswig-Holstein, Alemanha, no dia 10 de novembro.

1909 - A família Lewy, que morava em Elberfeld (cidade que a partir de 1930 passou a se chamar Wuppertal), se instalou em 27 de outubro em Dortmund, rica cidade industrial do Vale de Ruhr: ambos os municípios se situam no estado de Renânia do Norte-Vestfália. Nessa época, a sinagoga de Dortmund era a maior da Alemanha, indicando presença significativa da comunidade judaica.

A família Lewy era composta por:

- Hermann, nascido em 30 de março de 1875, em Flatow;
- Betty, cujo sobrenome de solteira era Friedman, nascida em 13 de março de 1873; e
- Walter, que se supõe ser o único filho.

Segundo arquivos locais, a família Lewy morou nos seguintes endereços:

- de 27/10/1909 até 30/6/1910 na Rua Neuer Graben, 82;
- de 30/6/1910 até 8/5/1912, na Rua Stein, 6;
- de 8/5/1912 até 7/4/1913, na Rua I. Kamp, 79;
- de 7/4/1913 até 7/10/1913, na Rua Weher, 36;
- de 7/10/1913 até 26/1/1931, na Rua Nicolai, 21.

A sra. Betty trabalhou como vendedora. Já o sr. Hermann foi comerciante, funcionário de loja e de escritório, e representante de roupas profissionais. Participou da 1ª Grande Guerra, de 1914 a 1918.

1914/1918 - Walter Lewy esteve em viagem a Seesen - onde foi fundada a prestigiosa fábrica de pianos Steinway -, mais precisamente na cidade de Harz, na região montanhosa do Norte de Alemanha.

1923/1927 - Estudou na Escola de Artes e Ofícios de Dortmund (Alemanha), onde entrou em contato com a corrente do realismo mágico. Conheceu a obra de Yves Tanguy (1900-1955) e de Max Ernst (1891-1976), e depois a de Magritte (1898-1967).

1928 - Tornou-se membro da União dos Pintores de Westfália, participando de coletivas em Dortmund, Gelsenkirchen, Bochum e outras cidades. Acabou por abandonar a comunidade judaica. De 26/6 até 3/8/1928 - Mudou-se para Viena, Áustria, a capital do movimento artístico da Secessão. Em 11 de outubro, deixou a casa dos pais para se instalar na Rua Lübeck, 30. Seu estado civil, à época, está registrado como "dissidente".

1929 - Perdeu seu emprego de gráfico em Bad Lippspringe, cidade localizada no distrito de Paderborn, região administrativa de Detmold, e foi viver com os pais no interior. Tornou-se ilustrador de anedotas em jornais.

1930 - Entre 1930 e 1936, executou uma série de desenhos a bico de pena, tendo como temas cactáceas e plantas suculentas.

1931 - Em 26 de janeiro, seus pais se mudaram para Bad Lippspringe, conhecida por sua estação termal, e adquiriram uma loja de modas. Walter Lewy se juntou a eles em 7 de setembro.

1932 - Realizou sua primeira exposição individual em Bad Lippspringe. A mostra foi fechada pelos nazistas logo após a abertura.

1933 - Com a ascensão do nazismo, ele foi proibido de exercer qualquer atividade artística e profissional.

1938 - Mudou-se para o Brasil, fixando residência na cidade de São Paulo. Deixou na Alemanha centenas de trabalhos realizados entre 1923 a 1937 e enviados, com os bens da família, para a Holanda. Porém, as telas foram perdidas durante o bombardeio de Rotterdam. Desse período, conseguiu preservar apenas os desenhos da série de cactáceas e plantas suculentas.

Instalou residência e ateliê na Rua Frei Galvão, onde ficou por 10 anos. Interessado desde a infância pela botânica, construiu no local uma estufa para o cultivo de plantas suculentas e cactáceas, que muitas vezes foram inspiração para suas composições. Seus primeiros trabalhos no Brasil eram desenhos (paisagens) ainda não surrealistas. Na capital paulista, dedicou-se ao desenho publicitário e, mais tarde, fez capa de livros e ilustrações para diversas editoras. Ilustrou, entre outras, obras de Bertrand Russel (1872-1970), Machado de Assis (1839-1908), Sérgio Milliet (1898-1966), Arnold Toynbee (1889-1975) e Franz Kafka (1883-1924).

1939 - Voltou a pintar, tornando-se um dos pioneiros do surrealismo nas artes plásticas brasileiras. Travou contato com os pintores modernos brasileiros, conhecendo Clóvis Graciano (1907-1988), Francisco Rebolo (1902-1980), Aldo Bonadei (1906-1974), Tarsila do Amaral (1886-1973), Anita Malfati (1889-1964), Di Cavalcanti (1897-1976), Mário Zanini (1907-1971) e Quirino da Silva (1897-1981), e também com críticos e intelectuais, como Mário de Andrade (1893-1945), Sergio Millet, Oswaldo de Andrade Filho (1890-1954) e Osório César (1895-1979). Vinculou-se ao Sindicato dos Artistas Plásticos, participando de praticamente todas as mostras coletivas organizadas pela instituição de 1939 a 1947.

1941 - Participou de coletiva da Feira Nacional das Indústrias em São Paulo.

1942 - Foi um dos integrantes, com Bonadei, Livio Abramo (1903-1993), Manoel Martins (1911-1979), Oswald de Andrade Filho, Clóvis Graciano e Carlos Scliar (1920-2001), do álbum de litografias Sete Artistas Brasileiros (tiragem de 400 exemplares, numerados e assinados), uma das primeiras manifestações de arte gráfica reunindo um grupo de artistas. Os pais foram vítimas da Shoah. Estavam no comboio XI/1 de Lippspringe, que chegou em 1º/8/1942 ao campo de concentração de Theresienstadt. Em 15 de maio de 1944 foram deportados para Auschwitz, onde foram exterminados.

1943 - Fez as ilustrações do livro de poemas Oh Valsa Latejante, de Sergio Milliet.

1944 - Realizou sua primeira individual no Brasil, montada no ateliê do pintor Clóvis Graciano, no Edifício Santa Helena, em São Paulo.

1946 - Expôs em mostra coletiva de artistas brasileiros, montada em Santiago do Chile. Participou com Bonadei e Alfredo Rizotti (1909-1972) de experiências sobre a expressão gráfica coletiva a partir de emoção musical, organizada por Osório César. Integrou a coletiva de artistas paulistas, organizada por ocasião do I Congresso Paulista de Escritores.

1947 - Expôs individualmente na Galeria Ité e, com o pintor Bassano Vacarini (1914-2002), na Galeria Domus.

1948 - Tornou-se sócio-fundador do Clube de Artistas e Amigos da Arte, inaugurado em junho em sede provisória. Participou do Movimento Pró-Criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1949 - Mudou-se para o bairro paulistano Vila Galvão, onde continuou a pintar e fazer suas experiências com plantas.

1951 - Participou da I Bienal de São Paulo.

1952 - Participou do I Salão Paulista de Arte Moderna. Expôs guaches no Instituto dos Arquitetos de São Paulo.

1953 - Participou do II Salão Paulista de Arte Moderna, recebendo a Grande Medalha de Prata. Integrou a representação brasileira na 2ª International Art Exhibition, no Japão. Começou a se dedicar ao paisagismo, atividade que exerceu até 1966. Mandou três quadros para a exposição no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro - as telas desapareceram antes de serem expostas.

1954 - Recebeu a Medalha de Ouro do II Salão Paulista de Arte Moderna.

1955 - Recebeu o Prêmio de Aquisição no IV Salão Paulista de Arte Moderna.

1956 - Ilustrou a obra Metamorfose, de Kafka, para a Editora Civilização Brasileira. Realizou a exposição de trabalhos de diferentes épocas no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Recebeu Medalha de Bronze no Salão Baiano de Belas Artes. Casou-se com a pintora Dirce Pires da Silva Lewy (1936-), com quem teve dois filhos, Leslie e Evelyn.

1957 - Recebeu o Prêmio de Aquisição no VI Salão Paulista de Arte Moderna (SPAM).

1958 - Participou da VIII Mostra Coletiva da Galeria de Arte das Folhas. Expôs individualmente na Galeria Antigo-Novo.

1960 - Participou da VI Bienal de São Paulo.

1962 - Expôs na Galeria KLM.

1963 – Ganhou o Prêmio de Aquisição no XII Salão Paulista de Arte Moderna (SPAM). Inaugurou mostra de guaches na Galeria São Luiz.

1964 – Expôs na Galeria La Ruche, em Paris. Transferiu-se novamente para a Vila Galvão.

1965 – Recebeu o 1º Prêmio Governo do Estado, no XIV Salão Paulista de Arte Moderna. Foi convidado especial da VIII Bienal de São Paulo para representar o Brasil na Mostra de Surrealismo e Arte Fantástica, organizada por Felix Labisse (1905-1982). Realizou individual na Galeria Astreia.

1966 – Em março, expôs na Galeria Brasileira de Arte, reunindo óleos de 1952 a 1959. Na Associação dos Amigos do MAM, apresentou uma série de guaches e desenhos recentes. Em agosto, inaugurou a mostra de óleos na Galeria de Arte Hispânica. Em outubro, expôs na Galeria Guignard, de Belo Horizonte (MG).

1967 – Com vários artistas e críticos, participou da campanha para reativar o acervo do MAM, então às vésperas de sua reabertura. Organizou e participou da exposição 12 Artistas Surrealistas, realizada em São Paulo, no Teatro Itália. Participou da mostra inaugural de A Galeria e expôs individualmente na Galeria Astreia.

1968 – Expôs na Galeria Goeldi, do Rio de Janeiro, e em A Galeria, de São Paulo. Participou de nova coletiva de surrealismo no Teatro Itália.

1969 – Expôs na X Bienal de São Paulo, participando com sala especial do setor de Arte Fantástica. Visitou vários países da Europa e teve seus quadros adquiridos por galerias de Londres e Zurique. Expôs na Galeria Astreia.

1970 – Transferiu sua residência e ateliê para o bairro paulistano Real Parque. Integrou a coletiva Black Light Art, na Galeria do USIS, de São Paulo. Em seguida, a mostra foi levada para a cidade paulista de Santos.

1971 – Realizou individual na Galeria Irlandini, no Rio de Janeiro. Participou de coletiva na Galeria F. Domingo.

1972 – Expôs o conjunto de 35 óleos na Galeria Portal.

1973 – Com o escultor Fredy Keller (-1991), expôs óleos na Galeria Documenta. Lançou uma série de litografias na Galeria Urano. Participou de coletiva de Arte Fantástica na Galeria No Sobrado. Participou de coletiva de Arte Fantástica na Galeria No Sobrado.

1974 – Fez a mostra Retrospectiva de 35 anos de Arte no Brasil, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Recebeu o prêmio de “Melhor Pintor do Ano” da Associação Brasileira de Críticos de Arte, ganhando viagem à Europa. Recebeu também o prêmio de “Pintor do Ano” da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em setembro, realizou uma individual com 30 óleos no restaurante La Cocagne, na Av. Nove de Julho, na capital paulista. Abriu a própria galeria na Rua Noruega, 57. Realizou uma individual na Oscar Seraphico Galeria de Arte no Rio, com 38 pinturas a óleo. Em dezembro, participou da exposição comemorando o cinquentenário do Manifesto Surrealista de André Breton,

na Galeria Portal. Neste mesmo mês, no dia 17, viajou com a família para visitar Londres, Amsterdam, Dortmund (a cidade onde estudou), Paris, Zurich, Roma – onde visitou seu amigo e pintor Paolo Rossi –, Madrid, Toledo e Lisboa.

1975 – Expôs na Galeria Guignard, do Hotel São Rafael, em Porto Alegre. Em maio, expôs na Galeria Bonfiglioli 40 obras realizadas no mesmo ano.

1976 – Expôs com sua esposa, Dirce Pires, no showroom da Sharp, na cidade paulista de Campinas. Inaugurou uma exposição na Galeria Samarte, no Rio de Janeiro. Viajou a Paris para a exposição na Galeria Debret, promovida pelos Serviços Culturais da Embaixada do Brasil na França, e também visitou a Suíça, a Alemanha e a Holanda. Participou da XI Bienal de Menton, na França, onde foi o único representante brasileiro. Recebeu homenagem oficial da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo – requerimento nº 2.145, publicado em jornal oficial no dia 3 de dezembro.

1977 – Expôs, em maio, na Galeria Bonfiglioli 30 óleos com o tema de pedras voantes e litografias.

1980 – Organizou aulas de pinturas em seu ateliê. Expôs 30 óleos na Galeria A Ponte. Participou do 4º Salão de Artes Plásticas do Noroeste em Penápolis (SP).

1982 – Realizou exposição individual na Galeria Mobiliária, incluindo algumas obras dos anos 1940. Participou do 5º Salão de Artes Plásticas do Noroeste em Penápolis (SP). Participou da exposição Modernismo na Bienal, realizada no MAM-SP.

1985 – Participou do 6º Salão de Artes Plásticas do Noroeste em Penápolis (SP). Expôs no 8º Salão Nacional de Artes Plásticas, no MAM-RJ. Realizou exposição individual A Arte do Imaginário, na Galeria Encontro das Artes.

1988 – Assinou contrato com Aldo Marchand.

1989 – Em abril, realizou exposição individual no Espaço Cultural Aldo Marchand. Foi convidado pelo Museu Chagall, de Saint-Paul-de-Vence, cidade medieval localizada nas alturas da Riviera Francesa, para organizar uma exposição.

1990 – Realizou a mostra Surrealismo Tropical, no Espaço Cultural do Banco Central do Brasil, em São Paulo. Aldo Marchand convenceu o artista a fixar residência nos Estados Unidos (Miami) com o objetivo de abrir seu mercado ao público americano. Lewy vendeu sua confortável casa no bairro paulistano Jardim Aeroporto e sua propriedade da cidade litorânea de Ilha Bela. A operação Miami foi malsucedida, obrigando a família a retornar para São Paulo e alugar um pequeno apartamento na Avenida Santo Amaro, nas proximidades do Hospital São Luiz.

1995 – Participou da Exposição Comemorativa dos 70 anos do Unibanco, no MAM-RJ. Deu depoimento à professora Elvira Vernaschi e ao professor Wolfgang Pfeiffer do MAC de São Paulo. Morreu na capital paulista no dia 18 de dezembro. O Banco Safra arcou com as despesas de seu enterro.



Principais exposições individuais

- Bad Lipspringe (Alemanha) – Primeira individual imediatamente fechada quando a Câmara de Arte Alemã proibiu a participação dos judeus na vida artística, 1932.
- Walter Lewy. São Paulo: Ateliê Clóvis Graciano, 1944.
- Walter Lewy. São Paulo: Galeria Domus, 1947.
- Walter Lewy: pinturas. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1956.
- Walter Lewy. São Paulo: Galeria São Luís, 1963.
- Walter Lewy. São Paulo: Galeria Astreia, 1967.
- Walter Lewy. Rio de Janeiro: Galeria Iriandini, 1971.
- Walter Lewy: 35 anos de pintura no Brasil. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1974.
- Walter Lewy. São Paulo: Galeria de Arte Alberto Bonfiglioli, 1975.
- Walter Lewy. São Paulo: Galeria de Arte Alberto Bonfiglioli, 1977.
- Walter Lewy: 35 pinturas. São Paulo: A Ponte Galeria de Arte, 1980.
- O dimensionismo fantástico de Walter Lewy. São Paulo: Uirapuru Galeria de Arte, 1982.
- Walter Lewy: mestre do surrealismo no Brasil. São Paulo: Fundação José e Paulina Nemirovsky. Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.
- Walter Lewy foi o artista homenageado no V Salão de Outono da América Latina, Memorial da América Latina, São Paulo, 2016.

Principais exposições coletivas

- 1º Salão de Arte da Feira Nacional de Indústrias. São Paulo. 1941.
- 7º Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1942.
- 9º Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1944.
- Homenagem Póstuma a Mário de Andrade. São Paulo: Galeria Itá, 1945.
- Exposição inaugural da Galeria Domus. São Paulo: Galeria Domus, 1947.
- Bassano Vaccarini e Walter Lewy. São Paulo: Galeria Domus, 1948.
- 1º Bienal. Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1951.
- 2º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1952.
- 2º Bienal. São Paulo: Pavilhão dos Estados, 1953.
- 4º Salão Baiano de Belas Artes. Salvador: Hotel Bahia, 1954.
- 3º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1954.
- Artistas brésiliens. Paris, França, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1955.
- 3º Bienal. Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1955.
- 4º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1955.
- 5º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1956.
- 6º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1957.
- 7º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1958.
- Prêmio Leirner de Arte Contemporânea. São Paulo: Galeria de Artes das Folhas, 1958.
- 40 artistas do Brasil. São Paulo: Galeria São Luís, 1959.

- 6º Bienal. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1961.
- 12º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1963.
- 14º Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1965.
- 3 premissas. São Paulo: Museu de Arte Brasileira (MAB-FAAP), 1966.
- 1º Panorama de Arte Atual Brasileira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1969.
- 10º Bienal. Sala Especial Arte Fantástica. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1969.
- 2º Panorama de Arte Atual Brasileira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1970.
- 25 pinturas do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1970
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1970.
- Arte/Brasil/Hoje: 50 anos depois. São Paulo; Galeria da Collection, 1972.
- Arte fantástica. Paço das Artes: São Paulo, 1972.
- 5º Panorama de Arte Atual Brasileira: pintura. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1973
- 10 artistas de tendência fantástica. São Paulo: No Sobrado Galerias de Arte, 1973.
- 13º Bienal. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1975.
- Os Salões: da Família Artística Paulista, de Maio e do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo. São Paulo: Museu Lasar Segall, 1976.
- Imigrantes nas artes plásticas de São Paulo. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1976.
- 8º Panorama de Arte Atual Brasileira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1976.
- 9º Panorama de Arte Atual Brasileira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1977.
- Coletiva na Casa de Cultura de Israel. São Paulo: Centro da Cultura Judaica, 1979.
- 44º Salão Paulista de Belas Artes. São Paulo: Galeria Prestes Maia, 1980.
- Do Modernismo à Bienal. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1982.
- Tradição e ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984.
- A arte do imaginário. São Paulo: Galeria Encontro das Artes, 1985.
- 8º Salão Nacional de Artes Plásticas. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1985.
- Surrealismo tropical. São Paulo: Espaço Cultural do Banco Central do Brasil, 1990.
- Coleção Unibanco: exposição comemorativa dos 70 anos do Unibanco. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1995.
- O Mundo de Mario Schenberg. São Paulo: Casa das Rosas, 1996.
- Exposição Brasil Europa: encontros no século XX. Brasília: Caixa Cultural Brasília, 2000.
- Modernismo: da Semana de 22 à seção de arte de Sérgio Milliet. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2002.
- Coleção Itaú Moderno: arte no Brasil, 1911-1980. São Paulo: Itaú Cultural, 2007
- Coleção de arte: Museu de Valores. Brasília: Banco Central do Brasil, 2014
- Atlas abstrato: um olhar sobre a coleção de arte da Cidade de São Paulo. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2016.

Ilustrações de livros

- MILLIET, Sergio. Poemas Oh Valsa Latejante (1922-1943). São Paulo: Edições Gaveta, 1943.
- KAFKA, Franz. Metamorfose. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasil, 1956.
- GREENE, Graham. Nosso Homem em Havana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
- LUDWIG, Emil. Beethoven, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- ATHAYDE. Tristão et al. Grandes Vocações Vol. 4. São Paulo: Donato, 1977.

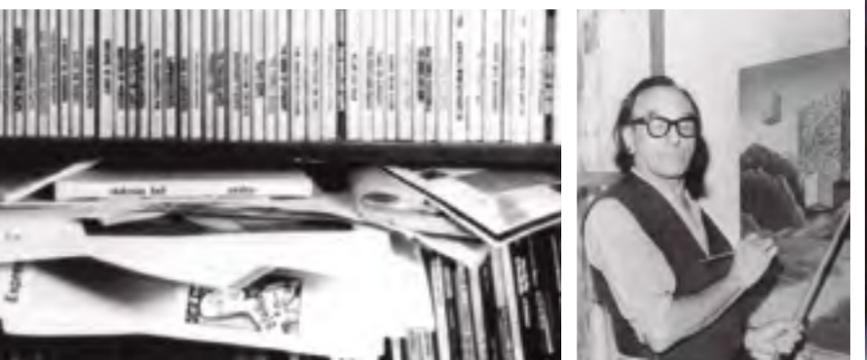
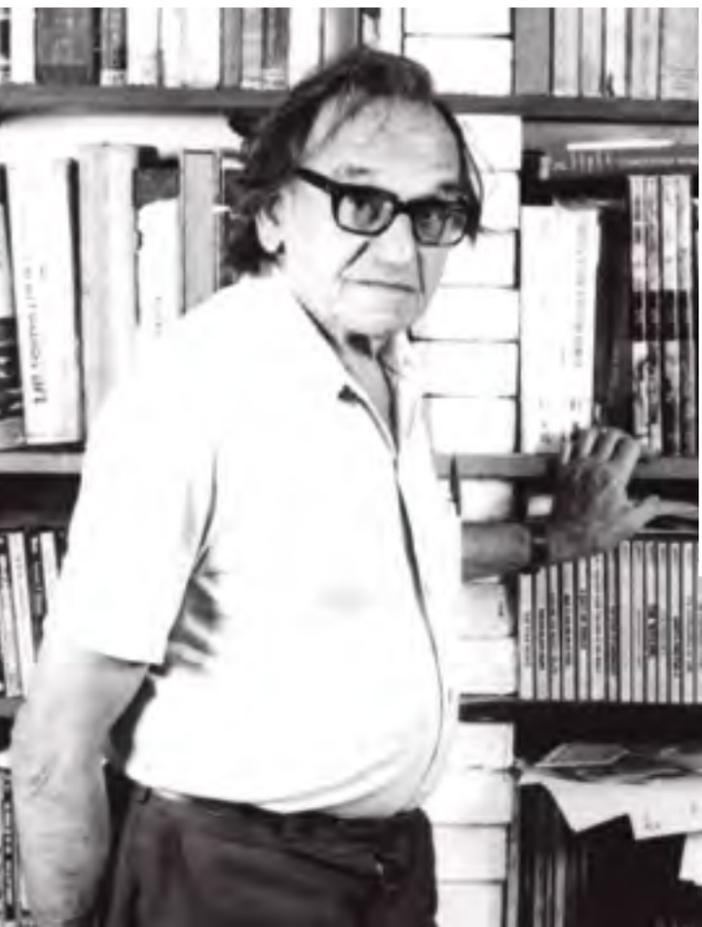
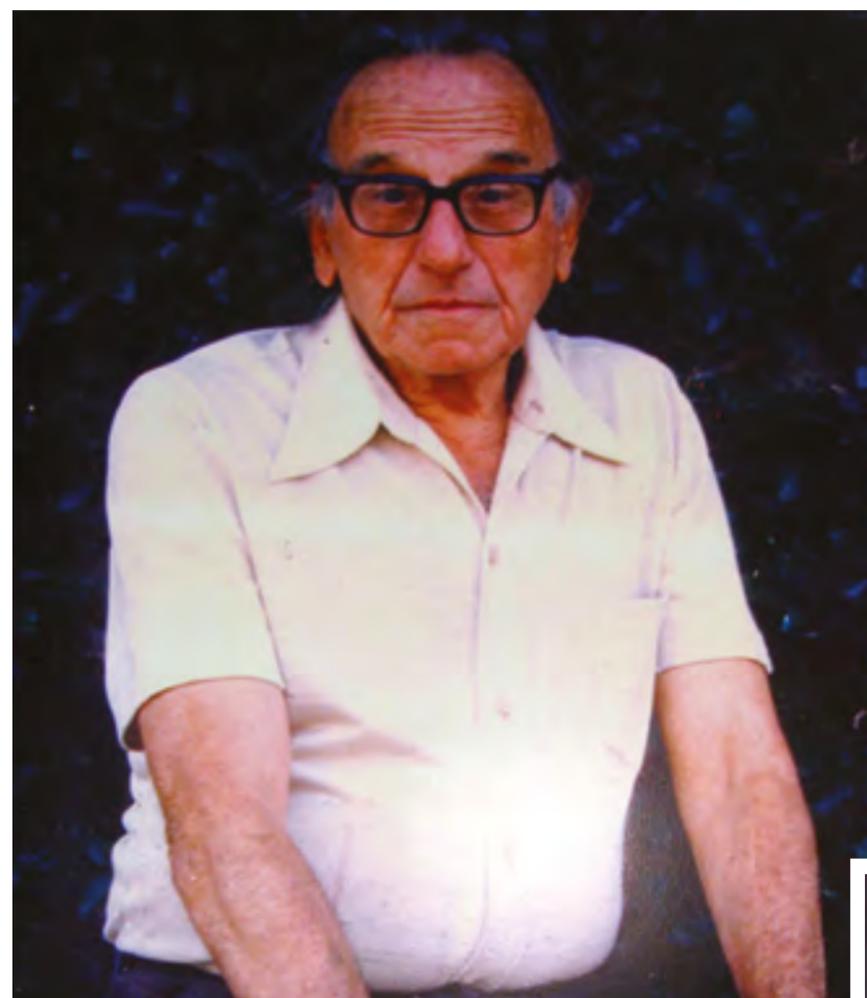


Obras em acervo público

- Coleção de Arte da Cidade, Centro Cultural São Paulo.
- Museu de Arte Brasileira - FAAP, São Paulo.
- Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Museu de Arte de São Paulo - Assis Chateaubriand.
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
- Museu de Arte de Brasília, Distrito Federal.
- Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Palácio do Governo do Estado de São Paulo.

Bibliografia sobre o artista

- BARROS, Darcy (org.). A arte do imaginário. São Paulo: Galeria Encontro das Artes, 1985. p. 24.
- GUEDES. Olivio. Surrealismo no Brasil a obra de Walter Lewy. Dissertação (Mestrado). Programa Interunidades em Estética e História da Arte EACH/ECA/FAU/FFLCH/MAC-USP. 2010.
- KAWALL, Luiz Ernesto Machado. Artes reportagem. São Paulo: Centro de Artes Novo Mundo, 1972. v.1, 185 p., il. p&b.
- KLINTOWITZ, Jacob. BARDI, Pietro Maria. Versus: 10 anos de crítica de arte. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro. 1978. P. 136 e 137.
- LEITE, José Roberto Teixeira. Dicionário crítico da pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.
- LEWY, Walter. Surrealismo tropical. São Paulo: Espaço Cultural do Banco do Brasil, 1990. , s.p. il., figs., fot.
- LUYTEN, Jos. WALTER Lewy: 35 pinturas. São Paulo: A Ponte Galeria de Arte, s.d.
- MORAES, Frederico. Brasil Europa: encontros no século XX. Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, Brasília, 2000.
- ORSI, Ricardo Vieira. Gravura no Brasil: bibliografia. São Paulo: Briquet de Lemos; Casa da Memó, 2015. p.92.
- PFEIFFER, Wolfgang. Artistas alemães e o Brasil. São Paulo: Empresa das Artes, 1996. p. 94-97.
- PFEIFFER, Wolfgang. Homenagem a Walter Lewy: óleos e litografias. São Paulo: Faculdade Santa Marcelina, Galeria, 1985.
- PINACOTECA do Município de São Paulo: Coleção de Arte da cidade. São Paulo: Banco Safra, 1994. p. 154.
- PONTUAL, Roberto. Arte/Brasil/hoje: 50 anos depois. São Paulo: Collectio, 1973.
- PONTUAL, Roberto. Dicionário das artes plásticas no Brasil. Apresentação de Antônio Houaiss. Textos de Mário Barata et al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- SCHENBERG, Mário. Pensando a arte. São Paulo: Nova Stella, 1988.
- Stadtarchiv Dortmund - Alemanha Museum für Kunst und Kulturgeschichte - Dortmund/ Alemanha. BRASIL Europa: encontros no século XX. Brasília: Conjunto Cultural da Caixa, 2000.
- WALTER Lewy. Apresentação de Joy Luyten. São Paulo: Portal Galeria de Arte, s.d.
- WALTER Lewy. São Paulo: Galeria Alberto Bonfiglioli, 1977.
- Walter Lewy: 35 anos de pintura no Brasil. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1974
- ZANINI, Walter (org.). História geral da arte no Brasil. Apresentação de Walther Moreira Salles. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, Fundação Djalma Guimarães, 1983.



Equipe da exposição e do catálogo



REALIZAÇÃO
Galeria Frente

DIRETOR
James Acacio Lisboa

CURADORIA
Jacob Klintowitz

PESQUISA HISTÓRICA
Claude Martin Vaskou
Eliana Minillo

**COORDENAÇÃO EDITORIAL E
PRODUÇÃO EXECUTIVA**
Juliana Rego Ripoli

MONTAGEM
Pedro Thiago Pereira dos Santos
Hugo Aparecido da Silva

PROJETO GRÁFICO
Milenne Reis

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Jucelini Vilela

FOTOGRAFIA DAS OBRAS
Luan Alves Torres

FOTOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO
Denise Andrade

REVISÃO DE PORTUGUÊS
Ana Lúcia Neiva

PRODUÇÃO GRÁFICA
Jamal Jamil El Kadri

FOTOGRAFIA

Retrato de Claude Vaskou e Eliana Minillo
Crédito: Mario Giuseppe Melchiori (Melk), p. 10 e 11.

Retrato de Jacob Klintowitz
Crédito: Denise Andrade, p. 20.

Retrato de Dirce Pires da Silva e Walter Lewy
Crédito: Folhapress, p. 22 e 23.

Exposição Walter Lewy: Mestre do Surrealismo no
Brasil, Estação Pinacoteca, 2013.
Crédito: Eliana Minillo, p.127

Retrato de Walter Lewy
Crédito: Acervo UH / Folhapress, p. 154 e 155.

Arquivo pessoal Francisco Rebolo:
Instituto Francisco Rebolo, p. 143.

*"Todos os esforços foram feitos para determinar a
origem das imagens reproduzidas neste livro. Nem
sempre isso foi possível. Teremos o prazer em creditar
as fontes caso se manifestem."*

AGRADECIMENTOS
James Lisboa, Claude Martin Vaskou e Eliana Minillo.



Equipe Galeria Frente

DIRETOR
James Acacio Lisboa

SECRETÁRIAS EXECUTIVAS
Sheila Pala
Vanessa Bueno

RECEPÇÃO
Maria Eduarda Galindo

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

DIRETORA
Renata Lisboa

EQUIPE
Katia Fonseca
Giovana Silva Oliveira

COORDENADORA DE EXPOSIÇÕES
Juliana Rego Ripoli

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA
Luiz Nobrega Gomes Júnior

DESIGN E MÍDIAS SOCIAIS
Luan Alves Torres
Milenne Reis

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Jucelini Vilela

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Nathalie Sandtfoss Achcar
Rubia Tavares Reis

PROJETO ACERVO
Raquel Machado Pinto

EQUIPE DE MONTAGEM
Pedro Thiago Pereira dos Santos
Hugo Aparecido da Silva

MOTORISTA
Hugo Matheus Vasconcelos da Silva
Ricardo Soares Amaro

DEPARTAMENTO DE LIMPEZA
Naiane Miranda Da Silva



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walter Lewy : o sonhador e a sublime criação do mundo / Jacob Klintowitz...[et al.] ;
coordenação Juliana Rego Ripoli. --
São Paulo : Galeria de Arte Frente, 2024.

Outros autores: Claude Martín Vaskou, Eliana
Minillo, James Acacio Lisboa.
ISBN 978-85-60080-02-1

1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Lewy,
Walter, 1905-1995 2. Pintura 3. Surrealismo
I. Klintowitz, Jacob. II. Vaskou, Claude Martín.
III. Minillo, Eliana. IV. Lisboa, James Acacio.
V. Ripoli, Juliana Rego.

24-228362

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:



A black and white photograph of Walter Lewy, an older man with glasses and a patterned shirt, looking slightly to the right. He is in a gallery setting with several large, stylized sculptures of plants and flowers. One large sculpture on the left has many pointed, cone-like shapes. Another sculpture in the background has long, thin leaves. A circular object is visible on the wall behind him.

“Nos últimos anos, acho que tenho muito do Brasil, no colorido, nas paisagens, e isso eu fui absorvendo aos poucos, organicamente. Naturalizei-me brasileiro, aqui vivo.”

- Walter Lewy

GF
GALERIA
FRENTE

EF



WALTER LEWY
O SONHADOR E A SUBLIME CRIAÇÃO DO MUNDO

GF
GALERIA
FRENTE